ERNESTO SENNA

CONSELHEIRO

FERREIRA VIANNA

RIO DE JANEIRO

Typ. do *Jornal do Commercio* de Rodrigues & C.

—

1902

Typ. da Comp. Litho-Typographia, em Sapopemba

ERNESTO SENNA

CONSELHEIRO

Antonio Ferreira Vianna

SUA VIDA E SUAS OBRAS

(NOTAS DE UM REPORTER)

RIO DE JANEIRO

Typ. do *Jornal do Commercio* de Rodrigues & C.

1902

SA 6212.6

N

HARVARD COLLEGE
Sept 18. 1929
LIBRARY
National Library,
Brazil.

NOTAS DE UM REPORTER

Não é a biographia do nosso eminente compatriota Conselheiro Antonio Ferreira Vianna, nem um estudo critico do brilhante papel que desempenhou na politica do segundo reinado como pamphletario, publicista, parlamentar e administrador, o que contém este livro.

Faltam-me os requisitos para o desempenho de tão importante trabalho.

Apreciar a acção do deputado Ferreira Vianna e os relevantes serviços prestados ao nosso paiz pelo Ministro Ferreira Vianna, é tarefa que reclama amestrada penna.

Este modesto folheto contém apenas despretenciosas *Notas de um reporter* em torno do grande homem de Estado, do jurisconsulto, publicista, eximio orador, philosopho e humorista incomparavel.

II

Quando deixou o poder o Ministerio 25 de Junho, presidido pelo notavel e saudoso estadista Barão de Cotegipe, os seus adeptos da tribuna do Senado e da Camara dos Deputados, lançaram invectivas contra os *reporters* fluminenses, a quem accusavam de ter por suas indiscreções e noticias sensacionaes promovido a impopularidade do Gabinete, principalmente a do Chefe de Policia. O Conselheiro Ferreira Vianna, em um discurso soberbo e scintillante de espirito, defendeu a classe, a que tenho a honra de pertencer, distinguindo os *reporters* fluminenses com o tratamento de *seus parentes*, pela familiaridade com que eramos recebidos em sua casa.

As paginas, que se vão lêr, são um modesto tributo de respeito, admiração e reconhecimento ao homem illustre que, infelizmente, não quiz prestar o concurso dos seus altos meritos á politica do novo regimen.

O seu silencio na Republica, como o de Sieyès na Convenção Franceza, deve ser considerado uma calamidade publica.

Nenhum homem politico, entre nós, trabalhou mais pela causa da liberdade e da democracia do que o Conselheiro Ferreira Vianna.

Nos escriptos e discursos que transcrevo, enriquecendo estas *notas de reportagem*, terá o leitor a prova do que venho de affirmar.

Só nos dá a esperança de adherir á Republica quando não houver mais um republicano: *para não se perder a semente*...

Meu mestre e honrado amigo, Dr. Ubaldino do Amaral, escrevendo ácerca do meu humilde livro *Notas de um reporter*, assim se expressou no fim da sua generosa apreciação: «Ernesto Senna deve-nos as outras notas da sua carteira.»

Pois bem, della retirei estas paginas, que foram dictadas pela admiração e pela gratidão; e dando-as á publicidade, obedeço a esses sentimentos e áquelle amigo.

Março, 1902.

ERNESTO SENNA

Ferreira Vianna nasceu a 11 de Maio de 1833, na cidade de Pelotas, na então provincia do Rio Grande do Sul.

Revelando desde criança grande talento, foi por seus pais matriculado no antigo Collegio D. Pedro II, onde fez um curso brilhante, obtendo sempre em todos os annos as mais distinctas approvações.

Pouco depois de receber o gráo de bacharel em lettras, partio para S. Paulo matriculando-se na Faculdade de Direito, formando-se em 1855 e recebendo no anno seguinte o gráo de doutor, depois de uma defeza de these que ficou memoravel.

Voltando para o Rio de Janeiro, foi nomeado pelo Conselheiro Nabuco de Araujo Promotor Publico da Côrte, e deixando o cargo depois do quatriennio, dedi-

cou-se á profissão de advogado e entrou para a imprensa politica.

Collaborou no *Correio Mercantil* e em outros periodicos, assumindo a redacção em chefe do *Diario do Rio de Janeiro,* em franca opposição ao Ministerio liberal, presidido pelo Conselheiro Zacharias de Vasconcellos. Em um banquete politico offerecido ao Conselheiro Ferreira Vianna pelo partido conservador, quando ascendeu ao poder, foi o notavel jornalista saudado por Salles Torres Homem que exaltou os seus serviços á causa das liberdades publicas e os seus incomparaveis dotes de publicista.

A sua obra de publicista dá assumpto para muitos volumes. Existem reunidos em folheto os celebres *Libellos Politicos*, que escreveu na *Gazeta de Noticias*, pugnando por varias reformas, principalmente a da eleição directa.

Para dar uma idéa dos profundos conceitos e lapidar estylo destes primorosos *Libellos Politicos* destacaremos o capitulo XIV:

« A aranha occulta-se no fundo da trabalhada têa.

A democracia e não o liberalismo; o vago pelo positivo; a palavra em vez da cousa.

Desorganisados os partidos politicos, conspira-se contra uma idéa.

Não basta entorpecer e deformar os poderes vivos, tenta-se matar em germen os nascituros.

Mais uma sorpreza. A democracia, que não combateu, toma a posição do liberalismo ao queimar o ultimo cartucho.

Ninguem venceu, todos estão vencidos. Campeia a democracia, votada igualmente ao sacrificio. Acariciada pela astucia, e não imposta pela victoria, cahio em vez de subir. Devia esperar seu tempo ; vir com o paiz para o poder e não do poder para o paiz.

O que já era salutar advertencia corre o risco de tornar-se cumplice. O governo pessoal ganha, a liberdade perde.

E' cedo para a democracia e parece tarde para o governo pessoal.

Passam os homens e ficam as idéas.

O paiz não chegou ao extremo de confundir o funccionario com a instituição, sujeitando-os ao mesmo julgamento.

Esclarecer não é resistir.

Para a democracia a eleição directa é pouco, muito pouco; tanto querem conservadores e liberaes. Obtel-a com o *adiamento constitucional* é nada ; porque mais concedem liberaes e conservadores.

A constituinte pela democracia, seria para consagrar a omnipotencia da soberania popular e destruir a de facto—o governo pessoal.

Vir do pode e tentar contra o poder não é presumivel. Quando o poder conspira é contra a liberdade.

A democracia no governo pessoal ou é a revolução ou não é nada. Reduzir o seu programma a obter de conservadores menos do que estes concedem — uma constituinte só para decretar a eleição directa e com suffragio restricto — seria a mais deslumbrante victoria do governo pessoal. Ver para crêr.

A aranha occulta-se no fundo da trabalhada têa.»

Ainda combatendo pela eleição directa o notavel publicista dirigiu aos seus concidadãos a esplendida carta circular, um modelo de estylo e puro liberalismo.

CARTA CIRCULAR

«... e logo os prendeu e carregou de ferros, porque parecia não quererem ser livres».

(Herodoto—o tyranno forçado)

«A reforma eleitoral directa, censitaria e por circulos está consagrada pela lei de 9 de Janeiro do corrente anno. Os justos clamores da opinião nacional revoltada contra o sophisma paciente e longo das instituições juradas, despertaram a adormecida vigilancia dos altos poderes do Estado. Está satisfeita a aspiração do paiz.

E' tempo de confessar o mutuo concurso dos partidos politicos para esta reforma, de cuja acção devemos esperar abençoados fructos.

A facilidade com que os usufructuarios se desapegaram do usado fidei-commisso de usurpação e arbitrio

se é symptoma de fraqueza, revela tambem um fundo de patriotismo e consciencia, que nos promette senão afiança a maior lealdade na execução da recente reforma.

Como se fôra estranho a seus proprios destinos, ou resignado ao systema do constrangimento tutellar, o cidadão abrio mão do exercicio de seus direitos a troco de uma segurança oppressiva (digamo-lo francamente) degradante. Decahido de sua personalidade politica tolerou ou consentio na suffocação da liberdade pelo exagerado temor de seu abuso !

Tão facil foi a usurpação quanto parecia difficil a reivindicação. Mas não ; o que vem de Deus é inalienavel ; á fraqueza da creatura accode a omnipotencia do Creador. Esta intervenção divina e reparadora, a sciencia humana chama philosophia da historia, e o positivismo incredulo evolução natural.

A fórma varia, o fundo é sempre o mesmo.

As restituições são inevitaveis : ora porque a usurpação anniquilla o usurpador, ora porque os despojados se insurgem.

A liberdade constitucional facilmente se perde, com difficuldade se conserva, e nem sempre é possivel recuperar sem sacrificios enormes e dolorosos.

Uma corrente de desconfiança persiste entre o poder e a liberdade ; um tem terror do outro, quando em verdade ambos são as essencias do Estado e do cidadão ! Limitar estas duas potencias uma pela outra,

tem sido o nobre empenho do nosso seculo, atravez de lutas porfiadas, temerosas treguas, incoherentes allianças, alternados triumphos e crueis supplicios.

Temerario, quem cuidar que as instituições livres se sustentam e progridem por força propria !

O sentimento vivo em cada cidadão de sua personalidade politica, moderado e fortalecido no seio dos partidos--organismo das idéas, aspirações e sentimentos collectivos, é por assim dizer o principio moderno, nutritivo das constituições modernas.

Como o mar se conserva inalteravel no constante embate das ondas e das correntes, as instituições politicas se retemperam nas lutas dos partidos, ciosos de conservar ou merecer a suprema direcção do governo.

Eu vos disse — é precioso organisar a liberdade para oppor ao poder constituido e omnipotente.

A lei de 9 de Janeiro não tardará muito que se complete por outra de descentralisação administrativa, talvez o mais pesado élo da cadeia de oppressão e atrazo politico e economico do paiz. Desembaraçar da administração geral o eleitor e o eleito de dependencias pessoaes ou locaes, eis o que em parte realisará a reforma eleitoral, escrupulosamente observada, pelo desenvolvimento das incompatibilidades e processo da prova da renda.

Na lei de 9 de Janeiro ha concessões sem duvida exageradas para a justa prudencia da opinião conser-

vadora, compensadas por outras de evidente preterição de doutrinas liberaes; mas não se póde desconhecer que o systema em geral offerece á opinião esclarecida e interessada, meio mais seguro de intervir efficazmente na suprema direcção dos negocios publicos.

Com a maior isenção de espirito felicito o presidente do conselho pelo exito de seu nobilissimo empenho.

A lei está exposta a dous perigos, que, desnaturando o seu pensamento dominante, podem transforma-la no mais formidavel instrumento de reinar:

1.° Da relaxação na apreciação das provas para o eleitorado;

2.° Da indifferença dos cidadãos com os requisitos exigidos ao alistamento.

Ou cahindo no suffragio universal, ou deixando o poder eleitoral nas mãos de uma minoria insignificante, os resultados serão funestos.

O grande e auspicioso intuito desta reforma, tão anciosamente reclamada, é o de constituir um eleitorado numeroso, idoneo e estavel, como barreira ás invasões do poder omnipotente.

Está creado o orgão da soberania nacional.

A corôa, só pelo uso da prerogativa de nomeação e livre demissão dos ministros, operava a transformação repentina, e como por encanto, do espirito publico; transformação que, embora apparente ou artificial, produzia todos os effeitos legaes, como se real fôra. A

custosa e decorada mentira, além do escarneo de attribuir ao paiz a sua oppressão, sobrecarregou-o com uma divida aflictiva, que embaraça senão frustra todos os impulsos da iniciativa particular no sentido do progresso moral e economico.

Ainda mais—amorteceu as crenças, indisciplinou os partidos, e afugentou as mais nobres esperanças.

Afinal, fechou-se a arena gloriosa das lutas e victorias das idéas politicas. O chão sagrado dos comicios ficou pisado dos mercenarios ; e as camaras unanimes vieram expor ao paiz, quasi indifferente ou embotado, a desoladora prova de sua nulla ou ridicula soberania.

Sob a responsabilidade do contribuinte, derivada de motins burlescos, e ás vezes ensanguentados, para melhor disfarce da usurpação, inventaram-se despezas dobradamente, senão mais, superiores aos recursos ordinarios da receita publica, elevando-se o *deficit* a um algarismo inquietante, que se pretendeu abafar com largas emissões de papel-moeda e pesados emprestimos !

O parlamento, reduzido á pallida sombra de uma realidade supprimida e em exercicio de suas funcções decorativas, sanccionava, quando porventura lhe eram presentes, senão louvava, todos esses excessos.

O impossivel tornou-se feito ; quando era necessario a cauda mordia a cabeça. A idéa triumphante em um dia era condemnada no seguinte, ainda que custasse a derrota do chefe do partido dominante ou o sacrificio das idéas consignadas e acceitas ! O poder tor-

nou-se irresistivel como o destino, e os poucos que se lhe oppuzeram reconheceram logo, com tristeza no coração, não tanto a inefficacia de seus esforços, como o concurso involuntario que assim prestavam á pantomima parlamentar.

Mordendo o freio das ambições, os desanimados se incorporaram á turba já numerosa dos adoradores hyppocritas do successo feliz.

No altar da verdade foi collocada a figura effeminada do sophisma. O patronato dispensou o trabalho e o merecimento. Quebradas as espadas com que se vence e conquista, os solicitadores abriram mãos supplices aos serventuarios do dia.

Cahiram por terra os ultimos reductos da resistencia ; em vez das lutas viris da liberdade, appareceu a guerra odienta dos empregos e pretenções individuaes. Alguns imprudentes, que ousavam illuminar as beiras do abysmo, averbaram-nos de suspeitos e despeitados ! Afrouxados senão rotos os vinculos da união e resistencia, o poder pessoal ficou só e invencivel, e ainda condemnado a dominar sem contrapeso.

O paiz despojado de sua legitima influencia, opprimido e calumniado, vingava-se murmurando, zombando e detrahindo algumas vezes com injustiça e até ingratidão.

A lei de 9 de Janeiro é um grande esforço para restituir ao paiz o governo do paiz.

Diante deste novo horizonte a indifferença seria a criminosa traição do mais sagrado dos deveres. Vencendo quaesquer embaraços, quando oppostos ao cidadão com os requisitos da lei, cumpre alistar-se no corpo eleitoral, tenha ou não a intenção de usar do direito conferido.

Não se trata de eleger candidatos, mas sim de organisar a liberdade constitucional; de constituir um poder forte e igualmente estavel para oppôr a outro omnipotente e usurpador; de imprimir a vida em instituições inanimadas, de substituir o idolo pelo soberano real.

Que credito mereceriam nossas queixas de hontem, se hoje deixassemos correr á revelia o processo de reivindicação de nossos direitos defraudados e opprimidos ? Hontem clamavamos por liberdade, porventura temos hoje saudade da tyrannia ?

O titulo de eleitor perpetuo, como é, será daqui em diante nossa arma de defesa contra situações improvisadas e innovações perigosas.

Vinculando o eleito ao eleitor,como o mandatario ao constituinte, só vingaram no parlamento as idéas em maioria no paiz real, superior então ás sorprezas de quem tem sido victima.

A lealdade do Governo, a honra da magistratura e o patriotismo dos brazileiros, estão empenhados na execução da recente reforma eleitoral.

Alistemo-nos eleitores; o prazo é improrogavel!

Organizemos a liberdade constitucional; que o imperador reine, e a nação se governe. Eis o que exige a dignidade de homens livres e a consciencia nacional.

Ao principio pagão — o genio de Cezar, devemos oppôr o principio christão — o genio da liberdade.»

Notavel é o seguinte discurso pronunciado na sessão de 4 de Março de 1873, profligando o attentado contra *A Republica*, orgão do partido republicano e redigido por Quintino Bocayuva, Salvador de Mendonça e outros:

« Sr. Presidente, não sei se sou muito confiado presumindo-me garantido nesta tribuna após a escusa senão glorificação que ao nobre ministro da justiça aprouve fazer dos excessos praticados nas noites de 27 e 28 do mez passado contra os sectarios e propriedade da *A Republica*.

Antes de entrar no exame dos acontecimentos que alarmaram a cidade, permitta-me a camara reclamar contra um qualificativo empregado pelo nobre ministro da justiça, referindo-se no começo do seu discurso ao chefe do poder executivo, segundo creio. S. Ex. chamou-o soberano, quando a nossa Constituição qualifica-o de primeiro representante e expressamente reconhece como dimanações da nação ou da soberania todos os poderes politicos.

O Sr. Ministro da justiça dá um aparte.

O Sr. Ferreira Vianna: — Esta inexactidão em assumpto de tanto alcance politico póde talvez nos dar a razão dos actos inconstitucionaes praticados pelo gabinete 7 de Março e da pertinacia com que se mantem no poder, apesar das manifestações da opinião publica.

Se em verdade o chefe do poder executivo fôra soberano, como pretende o nobre ministro da justiça, a nossa fórma de governo seria outra, e a manifestação da *Republica* não poderia ser tolerada e muito menos consentida pela autoridade competente. Só a monarchia constitucional representativa póde manter-se no meio da luta de todas as opiniões politicas, sem perder de sua força moral e consolidando-se cada vez mais no espirito publico.

Não é occasião de desenvolver esta materia; reservo-me para outra discussão. Por agora vou colligir os factos das noites de 27 e 28 e as circumstancias que em redor delles se agruparam. Não os presenciei, é verdade, porém, attendi ás exposições officiaes, ao discurso do nobre ministro da justiça e ás informações que correm com visos de verosimilhança. Embora agitado pela indignação, que é natural, espero conter-me nos limites da mais plena isenção de parcialidade. Estudemos, senhores, o theatro dos acontecimentos, suas causas, quaes sejam seus autores ou responsaveis e suas consequencias proximas e remotas.

Os factos se succederam na rua do Ouvidor entre a de Gonçalves Dias e Uruguayana. Neste quarteirão está situado o edificio da redacção e officina da *Republica*. Eis o estreito theatro do conflicto. A rua do Ouvidor tem vinte e um palmos de largura e é calçada por parallelepipedos, como sabeis. Estas circumstancias são indispensaveis á apreciação das occurrencias que todos deploramos e condemnamos. A rua é estreita e o quarteirão pouco extenso; nesta área, nas horas de concurrencia ordinaria, o transito é difficil, e não poderá conter ainda na maior affluencia de povo as multidões figuradas pelo nobre ministro da justiça.

Alli naquellas estreitezas teve logar nas noites de 27 e 28 do mez passado a manifestação republicana e a contra-manifestação da opinião publica, justamente indignada, no dizer do

nobre ministro da justiça. Eis os dous adversarios na arena, segundo os relatorios officiaes: a *Republica* e a opinião publica; a fraqueza extrema, o poder invencivel; uma multidão vivamente resentida contra uma idéa forasteira; a tremenda justiça do povo provocada pela imprudencia de um grupo de philosophos, de poetas e sonhadores de futuros acontecimentos. Eis os combatentes, senão os juizes e os réos, no sentir do nobre ministro da justiça. A força publica assistio inerme á luta nestas condições ou coacta deixou passar a justiça popular!

Os philosophos e os poetas da democracia não dispunham de outros instrumentos de defeza, que a penna e a imaginação, a palavra e a eloquencia que o enthusiasmo inspira: o coração agitado e o cerebro ardente.

A não servirem de instrumento de um poder sobrenatural ou por elle protegidos, a camara dos Srs. deputados comprehende que os philosophos e poetas da democracia nada podiam emprehender que inquietasse as crenças monarchicas arraigadas na convicção nacional, sobresaltasse a autoridade ao ponto de mover forças das tres armas pondo-as de promptidão, á primeira ordem.

O Sr. Ministro da Justiça:—Nunca se sobresaltou.

O Sr. Ferreira Vianna:—Nem era caso de ostentação e apparato de força. Essa attitude deve ser reservada para momentos difficeis e circumstancias perigosas. Na Inglaterra a autoridade domina as reuniões politicas e se faz obedecer com intimações verbaes; é o poder da força moral que arrefece as mais violentas paixões de multidões formidaveis e mantem a ordem. A manifestação de força armada, principalmente quando não se póde muito confiar de sua disciplina, em vez de prevenir muitas vezes provoca e engendra os conflictos.

A' vista do limitado theatro dos acontecimentos, dos recursos de que dispunham os poucos sectarios da *Republica*, do forte contingente de tropa mobilisada, creio que V. Ex.,Sr. Presidente,

está como eu persuadido de que os membros do club da *Republica* não tinham outro intuito que o de dar livre expansão de regosijo pelo triumpho incruento da democracia hespanhola. Quem de boa fé poderá crer que a fraqueza ultrajasse a força, a idéa forasteira a crença que governa ? Não seria só uma aventura arriscada, mas um acto de insensatez, que não se conforma com a prevenção de requererem os republicanos prévia licença da autoridade competente para a manifestação de regosijo, de que foi causa a ascenção da democrccia na Hespanha.

Satisfeito o enthusiasmo pela expansão do regosijo, a paixão se arrefeceria e os democratas da *Republica* entrariam logo na regularidade de sua improba e fatigante propaganda.

Era ou não licita a manifestação democratica ? Se não era, tornou-se pelo consentimento da autoridade competente. O nobre ministro da justiça indirectamente condemnou a licença, quando, para justificar os attentados, considerou a manifestação uma provocação senão um ultrage á opinião publica. Desde que a autoridade foi ouvida com antecedencia, tomou conhecimento das intenções dos membros do club republicano, e, corrigindo e limitando o programma-festival, deferio favoravelmente, ficou obrigada a manter a segurança pessoal e de propriedade dos sectarios da *Republica*, ainda contra a indignação da soberania representada e concentrada na frente do edificio da *Republica*.

Resta verificar se a manifestação excedeu dos limites traçados pela concessão. Ninguem o allega e antes se affirma o contrario. A licença comprehendeu a faculdade de embandeirar o frontão do edificio e illuminal-o á noite. Eis a verdade confessada pelo governo.

O embandeiramento do edificio se fez de dia. Cidadãos qualificados e de todas as nações em transito para seus affazeres passaram por aquelle quarteirão e notaram a ornamentação festival da *Republica*; uns paravam e outros seguiam; era dia e ninguem reclamou contra bandeiras enrolladas no balcão da

sacada ou se queixou de qualquer ultrage a nacionalidades; tambem é verdade.

De noite a festa democratica correu pacifica, garantida pela tolerancia, virtude dos povos livres. Os que não têm fé na estabilidade da Republica Hespanhola reflexionavam sobre essas passageiras alegrias, que em breve deveriam ser substituidas pelas tristezas da anarchia ou pelas violencias das restaurações; os indifferentes, são muitos, saboreavam aquelle espectaculo sem duvida singular no paiz, e a grande maioria dos cidadãos firmes em suas adhesões ás instituições juradas se contentavam com mais esta razão de sua excellencia: não receiar de opiniões politicas oppostas, garantir a liberdadc de suas manifestações e consolidarem-se no meio da luta e das contradicções.

As criticas, os commentarios, as contestações não attingiram á indignação figurada pelo nobre ministro da justiça. Adiantada a noite, arrefecido o jubilo democratico, na hora do cansaço, quando o concurso de espectadores diminuio e a rua no quarteirão indicado podia ser percorrida livremente sem molestar os transeuntes, pela cavallaria a cinco praças de fundo; levantou-se o grito de indignação, a multidão começou a vociferar, quatro mil cidadãos reunidos e como depositarios e representantes da soberania, justamente indignados, na phrase do nobre ministro da justiça, intimaram á *Republica* de arriar a bandeira democratica, arvorada e desfraldada durante parte do dia e da noite sem protesto e sem reclamação. A autoridade julgou-se coacta diante daquelle grito e servio de interprete do poder impessoal da multidão. A bandeira foi arriada e triumphou a soberania da rua do Ouvidor!

A' luz do dia nenhum protesto e nem assomo de indignação; no começo da noite, emquanto a concurrencia não dava espaço ás manobras da cavallaria, manteve-se sem interrupção a tolerancia popular; quando a illuminação escurecia, o silencio ia-se fazer como de costume na nossa cidade ao se aproximarem as

horas de recolhimento, o numero dos espectadores se eleva a quatro mil pessoas, o olhar da multidão torna-se inventivo e penetrante, a tolerancia se substitue pela raiva, rebentam por todos os lados reclamações e protestos, a multidão faz-se, na opinião do nobre ministro da justiça, autora das vaias, apedrejamentos e outras violencias contra pessoas e propriedade ! A autoridade, cahindo em paralysia, deixou imperar a soberana justiça da opinião publica, aguardando, para contel-a, maior desacato !

Quaes as causas desta rapida mudança de sentimentos nos espectadores da festiva manifestação democratica ? A decoração era a mesma a essa hora que se conservou durante todo o dia e parte da noite ; eram as mesmas bandeiras, a illuminação igual, apenas menos resplendente. Parece que a indignação veio por accesso repentino e rompeu na rua quando o enthusiasmo arrefeceu no club republicano. A narração retocada do nobre ministro da justiça não combina com as circumstancias referidas nas exposições officiaes. As contradicções induzem-me a crêr que o principal foi omittido. A hora era impropria para explosões da indignação publica ; mais azada parece para as sorprezas e emboscadas. Quando desmaiava a illluminação da *Republica*, accendeu-se na rua o fogo da contra-manifestação. A rua não tinha pedras e ellas appareceram como por encanto e começou a obra do apredejamento, da ameaça e do ultrage. Não é de crêr que a indignação tivesse por alvo objectos inanimados ; felizmente a realidade não correspondeu ás intenções.

O nobilissimo e generoso caracter do povo fluminense repelle a autoria das scenas representadas nas noites de 27 e 28. Lealmente dedicado ás instituições juradas, é igualmente tolerante para não se oppôr por meios materiaes e improprios de um povo civilisado ás manifestações de opiniões contrarias. Seus precedentes não autorisam tão aleivosa imputação. A *Republica* jornal existe na Côrte ha tres annos ; e ainda em seus dias mais agitados

ninguem tentou contra a sua existencia e segurança de seus redactores. Este é o facto. O que estava escripto em lettras de fogo na noite da manifestação se reproduzio milhares de vezes, se distribuia e apregoava por toda a parte. Esta attitude de tolerancia honrava assim a opinão dominante como o governo, e enfraquecia progressivamente a vivacidade da propaganda democratica.

Não se póde negar á população fluminense bom senso e logica. Não quero discutir com o nobre ministro da justiça, se o orgão democratico está fóra da lei, pois que a sua existencia é um facto. Para mim a liberdade de pensamento tem por limite e correctivo a responsabilidade dos abusos. Este facto, ou fosse legal como penso, ou sómente tolerado como entende o nobre ministro da justiça, é certo que não suscitou reclamações e nem procedimentos dos cidadãos ou dos agentes publicos incumbidos da execução das leis. *O Diario Official* do governo transcreveu por vezes noticias e opiniões da *Republica*. O orgão republicano tinha entrado livremente na circulação e era reputado na imprensa como o representante autorisado de uma opinião radical.

O que levo dito serve para demonstrar que a *Republica* já não podia assustar a opinião dominante como uma sorpreza e nem servir de provocação ou rompimento material das noites de 27 e 28 do mez passado.

O governo, que enchia as columnas da grande e pequena imprensa com artigos laudatorios ao gabinete de 7 de Março, deixava correr sem contestação doutrinas republicanas sustentadas com talento e constancia.

A *Republica* renunciou os meios praticos, proscreveu a acção e intervenção na politica militante, não solicitou votos e nem mandato popular; apresentou-se como orgão de propaganda pacifica, discutindo o problema abstracto da melhor fórma de governo. Pura idealidade sem relação alguma com a pratica.

As minhas opiniões são conhecidas e as mantenho. A historia das tentativas para melhorar governos é desanimadora. Prefiro supportar governos toleraveis que cerquem de sufficientes garantias as pessoas e a propriedade a correr os riscos das revoluções. As republicas idéaes estão, como dizia Bacon, muito no alto, como as estrellas, para darem luz.

Reduzida a meios tão pacificos, a *Republica* fallava aos espiritos, não attentava contra as instituições e nem conspirava. Não se póde comprimir o pensamento e nem impôr silencio a uma opinião.

Volto ao assumpto. Quaes as causas da indignação e da justiça dos furores populares? Vêr arvorada uma bandeira que não tinha a corôa imperial. Seria uma bandeira ou um estandarte do club republicano? Decididamente não era a bandeira nacional, porque lhe faltava um de seus symbolos. Mas, senhores, essa bandeira ou estandarte não continha nenhum ultrage á honra e dignidade da patria. Eu não a vi, porque não passei pelo edificio em que estava arvorada, mas tenho ouvido que nella brilhavam as cores nacionaes. A omissão da corôa é logica, porque está de accôrdo com as opiniões e principios professados publicamente pelo club republicano. Se é um ultrage arvorar aquelle pendão, notai que maior tem sido levantar o distico *Republica*, publicar o jornal e lançal-o na circulação. A tolerancia dos governos e da opinião publica denunciam que o ultrage é um pretexto convencionado para justificar a violencia. Exigir que a *Republica* arvorasse em sua manifestação ao recente triumpho da democracia hespanhola a bandeira com o symbolo da monarchia seria impôr-lhe a apostasia; arriar a que arvorára um capricho. Neguem embora a manifestação das opiniões, porém não levem o supplicio até obrigal-as á incoherencia. Seria o requinte da tyrannia.

Essa bandeira esteve arvorada sem reclamação até perto da meia noite.

O SR. L. BEZERRA :—Não chegou á meia noite.

O SR. FERREIRA VIANNA :—Ou fosse por intimação da autoridade ou por decreto da soberania do povo, é certo que a bandeira foi arriada pelo redactor da *Republica*, sendo esta a unica cousa que o povo exigia para retirar-se.

Não posso crêr, portanto, no que nos asseverou o nobre ministro da justiça, da bandeira nacional enrolada, servindo de almofada. Penso que era este motivo mais fundado que aquelle para a exigencia do povo soberano.

O SR. MARTINHO DE CAMPOS :—E' verdade.

O SR FERREIRA VIANNA :—Não pensava, Sr. presidente, que alguns cidadãos, muitos que fossem, reunidos na rua do Ouvidor á meia noite...

O SR. L. BEZERRA :—Eram 10 1/2.

O SR. FERREIRA VIANNA : — podessem, qualquer que fosse a hora, representar a soberania nacional, e exercital-a de modo tão peremptorio. Diante deste poder, comprehende-se a coacção da autoridade publica e o seu estado de paralysia. Foi um plebiscito!

Como se fosse permittido santificar tropelias contra pessoas e propriedade com declamações, o nobre ministro da justiça, em desespero de causa recorreu ao sentimentalismo para agitar os corações patrioticos.

O SR. MARTINHO DE CAMPOS : — Apoiado.

O SR. FERREIRA VIANNA : — A bandeira, disse S. Ex., é o symbolo da patria, representa os mais permanentes e elevados interesses da sociedade e até a honra da familia. *(Riso)*.

O SR. MARTINHO DE CAMPOS: — Esteve patetico.

O SR. FERREIRA VIANNA : — Senhores, na bandeira brasileira vejo tres grandes symbolos, que representam tres grandes realidades: uma que resume em si as soberanas esperanças da humani-

dade, outra a patria e uma terceira o elemento mais preponderante de nossa organisação politica. A cruz collocada na maior elevação da corôa e dominando-a, as côres nacionaes e a monarchia que consorciou a liberdade com a ordem.

A religião sempre immutavel no meio de tantas cousas passageiras e moveis, que se elevam e caem, superior á acção dos homens e dos acontecimentos; a patria immortal, que sobrevive a todas as revoluções e a todas as calamidades, e a monarchia, principio conservador de nossas liberdades, mas, como todas as creações humanas, sujeito ao desenvolvimento das condições peculiares de cada povo, á transformação, e por sua natureza de meio de governo, elemento transitorio.

A republica é como a monarchia a solução do problema sempre agitado desde os tempos remotos, da mais perfeita fórma de governo, que tantas paixões accende e traz os povos divididos em partidos oppostos.

Preferindo a republica á monarchia ou esta áquella, o cidadão não renega a patria. Elevam-se e abatem-se dymnastias e republicas, o cidadão fica vinculado á sua patria pelo amor e pelo dever de servil-a e honral-a. No altar da patria cabem todas as oblações sinceras.

V. Ex. sabe, Sr. presidente, que não é constante o symbolo monarchico nas bandeiras. A autocracia russa não figura na bandeira. A bandeira tricolor tem fluctuado sem interrupção sobre duas monarchias; a de Julho e a de Napoleão. A Inglaterra, a dominadora dos mares, não tem na bandeira o symbolo da realeza; assim tambem a Hollanda.

Porque prevenção se quiz divisar no estandarte arvorado no estabelecimento da *Republica* uma offensa ao pundonor nacional e um ultrage ao patriotismo?

Se não foi pretexto para aggredir aquella opinião, confessemos que foi exagerada susceptibilidade. A questão dos republicanos não é da patria; ainda que em erro sobre a mudança de sua

actual fórma de governo, eu não tenho razões para duvidar que elles tambem a amem e lealmente a queiram servir. Sua propaganda tem por intuito substituir a magistratura suprema, vitalicia e hereditaria por outra temporaria e de eleição popular. O meu voto é inteiramente opposto; é de manter essa magistratura vitalicia e hereditaria; e da degeneração de nossas instituições longe de cahir na desesperança de melhorar o governo, mais se me avigora a fé. Antes de tentar a novidade, o desconhecido, esforcemonos todos com dedicação em corrigir os abusos, conter os excessos e restabelecer a liberdade constitucional. Consolidemos o governo parlamentar; colloquemol-o, por meio de reformas reflectidas, acima das sorprezas e das mystificações.

Defendendo aos opprimidos, devo-lhes toda a franqueza. A' qualquer outra bandeira prefiro a nossa, que respeito como sacrosanta; é o symbolo da ordem e da paz, da força e da gloria da patria. Receio pela integridade do Imperio, talvez seja timidez que as novidades me incutem, e sobretudo que com a Corôa vá a Cruz.

Não desanimei do futuro e nem estou convencido da conveniencia de mudanças radicaes em nossas instituições.

A bandeira, que victoriosa tremulou desde a embocadura do Prata até o Aquidaban; a bandeira, que fez cahir as duas mais abominaveis tyrannias do nosso seculo, Rosas em Buenos-Ayres e Solano Lopez no Paraguay, nos eleva ao conceito do mundo, tem muita gloria a preço de heroicos sacrificios.

A bandeira, arriada por ordem da soberania á rua do Ouvidor, não era e nem podia ser considerada um ultrage ao patriotismo; era o symbolo de uma idéa e nada mais. Apedrejada e rasgada, começou a sua historia pelo soffrimento.

A desigualdade entre os adversarios não podia ser maior. A contra-manifestação tinha por si a força e o numero. A consciencia desta superioridade devêra inspirar a mais longa tolerancia. A idéa luta com a idéa, a intelligencia com a

intelligencia. A força suffoca, mas não convence. Os meios materiaes estão proscriptos como recursos de persuasão ; a intelligencia guarda ainda opprimida a sua liberdade e a consciencia sua inviolabilidade. São obras de Deus.

Não é mais possivel restaurar a inconfidencia e subordinar todas as intelligencias ao pensamento e á verdade official.

Os republicanos são conhecidos, seus nomes correm impressos em seus manifestos e em suas actas. Renunciaram todos os favores, todas as graças, honras, dignidades e beneficios, que, aliás, poderiam e deveriam pretender por seus talentos inutilisados infelizmente para o paiz.

Tolerai o erro e respeitai a abnegação e o sacrificio espontaneo e longo. Desejava que todos os brasileiros, acceitando as instituições juradas, trabalhassem activa e dedicadamente na obra do seu aperfeiçoamento ; mas não posso occultar as esperanças que me inspiram essas almas alevantadas, superiores aos calculos do egoismo, apaixonadas por uma idéa reputada impossivel. O desinteresse é o penhor da sinceridade. Mais nos deve affligir o abandono das crenças, o enervamento das convicções politicas, a frieza do egoismo, a indifferença que tudo contamina e corrompe. Eu respeito a constancia com que a fé aguarda um futuro sem horizonte á vista, e a dignidade com que soffre as contrariedades e decepções do presente. São muitos os subservientes atados ao carro de todas as situações triumphantes. Ao successo feliz não faltam adoradores.

A dedicação á idéa é um bom elemento moral, que devemos honrar e não escarnecer. Contai com a acção do tempo, a lição da experiencia e a influencia de nossas instituições aperfeiçoadas pelas reformas que a opinião publica reclama.

Não sei se comprehendi bem o enthusiastico discurso do nobre ministro da justiça ; pareceu-me que expoz ao odio senão o desprezo a idéa republicana. Essa idéa é o fructo da semente lançada na terra virgem, é effeito natural do ensino ; a mo-

cidade recebe-a dos livros que lhe confiam. E' em Tito Livio que se aprende a admirar a republica e em Tacito a odiar a tyrannia. Assim como em Horacio, Ovidio e Virgilio se inspiram os principios do sensualismo e subserviencia pagã. As primeiras impressões gravam-se e ficam. Só o tempo e a experiencia as desvanecem.

Lembremo-nos de nossas primeiras inclinações, de nossos puros enthusiasmos, de nossas paixões violentas e sinceras, e não estranharemos o que vemos e queremos condemnar.

A melhor fórma de governo na região theorica é uma questão sem alcance politico. O problema está resolvido pela nossa constituição pratica e sabiamente. Foram attendidas devidamente as condições do nosso paiz. Os resultados, não obstante as degenerações de nossas instituições, se não correspondem inteiramente ás previsões do legislador constituinte, nos têm assegurado beneficios, que duvido podessemos alcançar de qualquer outra fórma de governo.

Entretanto a republica não merece o desdem que se lhe quer lançar. No declinar do nosso seculo temos assistido a tantas decadencias e sorprezas, que seria temeridade escarnecer dos recursos e influencia da democracia. O meio das monarchias superarem as crises que agitam os povos e estremecem a ordem estabelecida não é abandonarem-se aos expedientes do arbitrio, mas acceitarem de boa fé as reformas exigidas pela liberdade pratica.

A republica, que fez a gloria da antiguidade grega e romana, que preside aos destinos do maior povo do nosso seculo, que mantem felizes e independentes no meio das potencias da Europa os livres e pacificos cidadãos da Suissa, nos deve inspirar outros sentimentos.

Os acontecimentos de 27 e 28 do mez passado são symptomas da falsa e fatal politica do gabinete actual.

O ministerio nada ganhou e não podia perder, porque a sua impopularidade chegou á ultima extremidade. Apoderou-se do estandarte da *Republica*, unico trophéo da sorpreza. Será talvez arvorado na torre do monumento que a fama deve levantar ao glorioso 7 de Março.

O que fizeram os republicanos que excitasse o furor da soberania popular concentrada na rua do Ouvidor e desafiasse os rigores de sua justiça, no dizer dos glorificadores dos attentados? O redactor da *Republica*, Quintino Bocayuva, escriptor distincto e orador eloquente, tantas vezes ouvido e applaudido nesta cidade, levantou-se e fallou. Foi acolhido com uma vaia! O discurso era em sentido conveniente, segundo a exposição official.

Contra a palavra, vaias, pedradas, ultrajes! Não são estes os argumentos dos defensores esclarecidos e dignos da monarchia constitucional.

Os aggredidos são conhecidos, trazem o rosto descoberto, tomam publicamente a responsabilidade de suas opiniões, são movidos por sentimentos sinceros. Os aggressores são desconhecidos, occultam-se nas sombras do anonymo, do impessoal. As armas dos cavalleiros da contra-manifestação, são as batatas, as pedras e os chouriços. *(Riso.)*

O Sr. Paranhos Junior: — As pedradas não foram de homens sérios.

O Sr. Ministro da Justiça: —Contra as pedradas a policia interveio.

O Sr. Ferreira Vianna: — Eis a manifestação monarchica, que forçadamente se quer attribuir á illustração e tolerancia do povo da nossa capital!

Eis a realidade do pronunciamento politico dos suppostos 4.000 cidadãos; eis o protesto que levantam, a defeza que articulam! E' incrivel.

A melhor gente da cidade é desconhecida; não se declina um só dos respeitaveis autores da contra-manifestação. O nobre

ministro da justiça envolve-os no vago da opinião publica. Contra a liberdade da imprensa e das opiniões apparece o desconhecido, de que tanto horror tem o nobre presidente do conselho; o impessoal, a mascara!

Os bons cidadãos condemnam aquella sorpreza e repellem a cumplicidade que se lhes imputa para occultar-se os verdadeiros autores e os motivos que os moveram.

As instituições juradas defendem-se na tribuna, na imprensa, á luz do dia, com a responsabilidade de seus legitimos representantes e sinceros amigos. As instituições juradas defendem-se com as nobres armas da verdade e da razão que lhes asseguram a victoria.

Na noite de 28 as bandeiras tinham desapparecido e o estabelecimento da *Republica* conservou-se fechado; entretanto os ultrages continuaram e na presença da força publica tentou-se escalar e violentar o edificio. Sem causa remota ou proxima, directa ou indirecta, mobilisaram-se contingentes de tropa mais fortes que na noite antecedente, espalhou-se o alarma com o bater das espadas e o trotar da cavallaria pela rua do Ouvidor, quasi deserta. A força era em verdade poderosa, porém, a prevenção nenhuma. O edificio da *Republica* foi victima desta segunda e corajosa campanha. Não estava ainda aplacada a justa vingança da soberania popular concentrada na rua do Ouvidor!

Se não fôra a ostentação da força, desde a tarde do dia 27, estou convencido de que a manifestação democratica teria corrido sem os incidentes que todos nós condemnamos.

Não sei explicar as inquietações de que a autoridade deu tão publico e inconveniente testemunho. Instituições fundadas sobre seguros alicerces não podiam ser abaladas pelos gritos do enthusiasmo e expansões de alegria de uma manifestação platonica.

Suspeito que houve o pensamento de fazer crêr na existencia de um plano revolucionario para se colher a gloria de o abafar no nascedouro.

A' aggressão material seguio-se a perseguição legal, o recrutamento, no theatro das proezas, dos cavalheiros das pedras, das batatas e chouriços. Depois de violencia o terror! Era preciso, para os altos planos do governo, que embora leiam os cidadãos a *Republica*, tenham medo de se approximar do seu domicilio. Antes que opprimir e ultrajar, seria mais digno que o poder assumisse a dictadura e supprimisse o orgão republicano, se é que o ministerio não pensa como o Sr. ministro da justiça que a *Republica* está fóra da lei.

O SR. MINISTRO DA JUSTIÇA dá um aparte.

O SR. FERREIRA VIANNA: — E' verdade, bem o diz o nobre ministro da justiça. Assim se praticava em França no tempo de Napoleão III...

O SR. MINISTRO DA JUSTIÇA: — E ainda hoje na Republica de Thiers.

O SR. FERREIRA VIANNA... tambem na Hespanha de Isabel II e em Napoles de Fernando II. Mas cumpre observar em honra á lealdade daquelles governos, que se previniram com leis excepcionaes de suspeitos e de segurança publica. Suavisavam a tyrannia pela fraqueza, e já não é pequeno favor em um governo de arbitrio. A sorte de todas essas dynastias deverá ter convencido a todos os governos que o caminho da ordem é o da liberdade.

O que me inquieta é a incerteza e a cilada; proclamar-se a liberdade da imprensa e ultrajal-a e aggredil-a. O que me assusta, mais que tudo, é a tolerancia do governo como uma graça, reservando-se o poder de suspensão arbitraria.

O SR. MINISTRO DA JUSTIÇA: — Lembre-se do que se tem praticado nos Estados-Unidos e na França.

O SR. FERREIRA VIANNA: — Na França havia lei de suspeitos e segurança publica, executada pelos tribunaes e responsaveis do Imperio e não por anonymos. Limitem as liberdades publicas,

corrijam-nas, extinguam-nas, se tanto querem e tando podem, mas que cada cidadão saiba em que lei vive.

O nobre ministro da justiça, esquecendo-se de sua posição e responsabilidade, declarou ao meu amigo honrado deputado pela provincia de S. Pedro do Sul, que o responsavel dos attentados de 27 e 28 do mez passado era a opinião publica! Não sabe o nobre ministro a dolorosa impressão que soffri, e que ainda me agita. Estaremos em plena revolução? O poder está desarmado ou coacto? Li em jornaes que acompanham o ministerio as seguintes explicações: os acontecimentos de 27 e 28 são actos de justiça popular. O nobre ministro devêra ter lido uma provocação feita ao povo para pôr termo á *Republica*. A justiça administrada por turbas enfurecidas! A resposta do nobre ministro, além de não corresponder á pergunta, encerra uma ameaça a todos os cidadãos. S. Ex. quer dizer: soffri com resignação; a opinião publica é um poder irresponsavel e sagrado; desgraçado daquelle que incorrer na sua colera! E' a dictadura anonyma. Esta doutrina é a perversão de todos os bons principios de ordem, doutrina revolucionaria e criminosa. Justiça feita pelas mãos do povo, receio que serieis as primeiras victimas! Ninguem ousa tomar a responsabilidade dos attentados; creou-se a theoria de crimes commettidos pela opinião publica, victima a seu turno das calumnias do poder e responsavel innocente de todos os abusos.

O Sr. Ministro da Justiça: — Mencionei um facto e nada mais.

O Sr. Ferreira Vianna: — Um facto, diz o nobre ministro, um facto fatal talvez e contra o qual seria em vão reclamar. Escusa da fraqueza senão da tyrannia. Entregai a justiça ás turbas, que elevaes á altura da opinião publica e da soberania, e ellas prefiririam o sicario Barrabás ao Divino Redemptor.

A autoridade e respeito das leis, como principio conservador

da liberdade e preservador da licença; era uma das mais solidas garantias das monarchias constitucionaes representativas.

Não me reputo livre nesta tribuna, porque não sei se as opiniões que tenho expendido excitarão os furores da opinião publica, juiz que condemna sem audiencia, ataca, escala e apedreja o domicilio do cidadão!

O nobre ministro insiste em não declinar os nomes dos autores dos attentados de 27 e 28, cobre-os com o manto da opinião publica. Não sabe do mal que lhes faz, porque a minha intenção era recommendar seus serviços e reclamar para elles o merecido galardão. *(Riso.)*

Entendia o Sr. Guizot explicar satisfatoriamente o apparecimento da bandeira republicana em monarchias livres como um centro de decepções, de descontentamentos e de injustiças inevitaveis em qualquer fórma de governo. Por este lado não vejo razão para a propaganda radical no nosso paiz. O nosso governo dispensa com o talento toda a sua protecção, eleva-o e cerca-o de respeito e consideração. Nem o patronato e nem o empenho são conhecidos, a unica preferencia escrupulosamente attendida é a do merito. A liberdade está em toda a parte como o ar e a luz. O mais leve vexame que soffre o mais obscuro cidadão, mal chega aos ouvidos do governo, é objecto de rigorosos inqueritos e tal é a compensação imposta ao offendido, que elle faz votos por ser de novo maltratado. O governo é inteiramente extranho ao processo eleitoral, sem duvida irreprehensivel.

A liberdade do voto, da imprensa e da tribuna formou uma pleiade de estadistas consumados e oradores illustres, que augmenta progressivamente. O Senado é o Pantheon dos vivos; alli está assentado o que o paiz tem de saber, virtudes e serviços á patria escrupulosamente afferidos pelos ministerios no acto das escolhas. E' o fructo saboroso da liberdade eleitoral. (*Riso*) As camaras temporarias são a opinião nacional em toda a sua

vivacidade e candidez. A harmonia entre o governo e o povo é um facto miraculoso.

O que o poder pensa, o povo proclama. O poder não se engana. Tentam-se algumas reformas sómente para aperfeiçoar os oradores e manter o fogo sagrado da eloquencia parlamentar. Ha poucas horas li em um orgão do governo: « Que o Imperio do Brazil se impõe á admiração do universo, como typo de organisação politica ». E' verdade. (*Riso.*) Emfim, senhores, a liberdade chegou ao ponto de se confiar a justiça á opinião publica! Não ha uma queixa justa, não ha um descontente, não ha um offendido. A republica se cuida aggrupar esses elementos, a que se referio o Sr. Guizot, perderá o seu esforço. *(Riso.)*

Se a opinião publica continuar em seus furores de justiça contra os que sustentam principios contrarios ás instituições juradas, apresso-me a pedir a protecção do nobre ministro em favor de um senador, que, em contraposição ás mais sinceras confissões de distinctos protestantes, attribuio á influencia da religião do Estado a corrupção dos costumes publicos.

O Sr. Martinho de Campos: — E é ministerialista enthusiasta.

O Sr. Ferreira Vianna: — Nada ha em repouso, disse Gioberti; a materia, a intelligencia, a natureza, o homem, os povos, o universo, tudo se agita no sentido dos seus destinos, que é a perfectibilidade. Os governos livres tambem não podem pretender a immobilidade, o repouso. Obtêm a victoria para recomeçar a luta entre todos os elementos e principios divergentes. Não é permittido arredar da arena nenhum combatente, qualquer que seja a sua idéa, como não é privar o homem de respirar. A victoria não cabe á força, mas á razão. Nada de perseguições; os martyres vencem. Que a bandeira da liberdade fluctue sobre nossas cabeças; ella confundirá todos os erros e fará prevalecer a verdade.

Os attentados de 27 e 28 deram ao ministerio uma celebridade que não é invejavel. A imprensa era a unica valvula de respiração que ainda restava ao espirito publico. O responsavel da explosão será a mão que comprime. Dedicado a esta liberdade, que prefiro a todas as outras, pago-lhe voluntariamente o tributo do meu reconhecimento.

A imprensa foi victima de um attentado não repetido nesta cidade e nem tentado no segundo reinado. Não creio que o governo gose do beneficio do silencio, que tão imprudentemente deseja obter, e lhe annuncia o orgão da democracia radical brutalmente ultrajado.

A politica do governo precipita-o em um abysmo fundo e hediondo: o do desprezo publico.

Tenho concluido.»

Do seu apreciado pamphleto *A Conferencia dos Divinos* tiraram-se varias edições e hoje com difficuldade encontra-se um ou outro exemplar pelo que aqui reproduzimos:

CONFERENCIA DOS DIVINOS

I

« Horrivel tempestade está imminente sobre os tectos da cidade eterna. Os relampagos alagam de luz as sete colinas, e logo as envolvem de mais densas trevas. Os raios se desprendem do céu, e, como serpentes, se enroscam nos monumentos metallicos.

A terra treme, o ar rebomba e o povo dorme!

O *Forum* não é mais arena dos Gracchos, é a parada dos Pretorianos—a espada em vez da palavra.

Um vulto apparece diante do colosso que o celebre Zenodoro levantára com preciosas substancias á altura de 120 pés, em homenagem ao crime.

Nunca o genio se aviltou tanto.

Pára o vulto, e pareceu tremer aos pés do monumento. Rasgou-se um relampago e rutilou na fronte do desconhecido o diadema dos Cezares. Era a sombra de um senhor do mundo; logo após veio outro, e finalmente um terceiro.

Vararam abraçados a área, saudaram o colosso e entraram na casa de ouro.

Ao encontrarem a estatua da fortuna beijaram-lhe os pés de frio marmore com labios delles, que eram de fogo e sentaram-se em frente.

Cerraram as janellas para não serem incommodados com a luz do céu e os roncos da tempestade.

E' noite funda—hora das supremas traições.

II

— Um, de todos o mais alto, disse:

— « Maldito povo, besta feroz que não posso domesticar!

Dei-lhe jogos, não concorreu a elles. Dei-lhe victorias, não me saudou.

Dei-lhe dinheiro, não se levantou para apanhal-o.

Dei-lhe pão, deixou-o apodrecer! »

— « O que queria então o povo? » (interromperam os dous outros).

— « Queria liberdade e justiça», respondeu o primeiro, com amargo despeito.

— « Maldito povo! » responderam os tres.

Levantou-se o segundo, mais baixo que o primeiro, porém reforçado das espaduas:

« Tambem eu dei-lhe jogos, trigo e victorias, e tudo desprezou. Em altas vozes exigio justiça—augmentei o numero de algozes; clamou por liberdade —multipliquei as victimas; insistiu, incendiei Roma; replicou, cantei na lyra emquanto gemia; conspirou contra meu divino poder, massacrei-o!

« Em logar de leis fiz mordaças; em logar de sacerdotes criei espiões; em logar de tribunas levantei fogueiras.

« Scena horrivel! As victimas insultavam-me, os moribundos amaldiçoavam-me e os cadaveres deixavam com o derradeiro alento, nos labios roxos, o mais penetrante sarcasmo!

« Das cinzas sahiam phantasmas, que não me deixavam dormir. Se fechava os olhos, arrancavam-me as entranhas; se os abria queimavam-me os meus, porque os seus eram de fogo.

« A noite para mim tinha ventre, de onde rebentavam milhares desses duendes horripilantes. Como é horrivel a noite! »

— « Horrivel », repetiram todos !

— « A noite é um ser vivo, que se move, que falla e que devora como um anthropophago ; deve ser o senhor do inferno. Ah ! que não possamos dominar este monstro ! Eu tinha medo que o sol me visse e que a noite me absorvesse. Os philosophos chamam a isto remorso. Miseraveis cogitadores, nunca tive remorso ; o que eu tinha era medo.

« O dia com o seu sol e a noite com suas trevas, venceram-me. Agora mesmo, passando pelas estatuas que ornamentavam esta cidade incrivel — vi na mão de uma um punhal, era Mario. Corri ; na mão de outra o instrumento da tortura, era Scylla. — Cahi sem forças ; todas se moviam e queriam estrangular-me !

« Nem os Cesares me queriam poupar ! A noite aviventa os mortos e faz deliquir os vivos. A propria terra se remexeu em meus passos, ora quente como se pisasse suas entranhas vivas, ora fria como se tropeçasse nos cadaveres de minhas victimas.

« Aborreci-me de governar ; convoquei o povo — que medonho espectaculo ! »

— « E' verdade ! E' verdade » ! rosnaram os dous outros.

— « Convoquei o povo, não me olhou ; não sei se por odio, se por medo. Despi a toga imperial e atirei-a no meio da multidão — rasgaram-na em milhares de fragmentos que o vento levou. Lancei ao touro, que já rugia e cavocava a terra, o meu diadema ; todo o

meu ser, desappareceu debaixo de suas patas. Entreguei-me como um prisioneiro, ninguem me tocou. Desci as escadas do imperio e não achei uma enxerga.»

— « Maldito povo! entoaram todos com tal raiva, que as palavras pareciam punhaes envenenados.»

E cahiu o segundo soberano do mundo, vertendo dos labios espessa espuma. Oh! se o povo fosse uma formiga, alli a matára e a engolira.

III

Ergueu-se o terceiro, que ainda não tinha fallado. Era joven, desconjunctado do corpo, e disse com entoação feminil:

—«Vós, meu prezado irmão, apontando para o primeiro, e vós, meu primo, olhando para o segundo, commettestes um grande e irreparavcl erro: não empregar a politica de temporisação infallivel como a ferrugem, que consome o ferro mais rigido.

«Eu falsifiquei tudo; no meu tempo as honras eram sem honras, as dignidades sem dignidade; perverti o sentimento moral e teria couseguido fazer desapparecer a noção do bem e da justiça, se não procurasse refugio no lar domestico.

«Este Achilles é vulneravel no coração. A ambição é o que mata.

« Açulei todas as ambições e desprezei todos os homens; rebaixei a uns para elevar a outros e vice-

versa. A baixeza adheriu logo á minha politica, porque era a baixesa, a improbidade por que tirava lucros e a mediocridade, porque podia chegar até a minha divina pessoa. Em logar de raios de Jupiter, distilei o veneno subtil e saboroso da corrupção; comecei por embriagar os grandes e cheguei até o povo. A corrupção cahiu de cima para baixo como um orvalho.

« Os homens de consciencia e merito eram poucos, e estes, ou beberam na taça mysteriosa o licor sublime, ou se recolheram ao seio da familia. Deixei-os vegetar na obscuridade ; morreram abafados.

«Quando me encontravam procuravam occultar-se; ria-me delles.»

« Dividi-os em partidos; servi-me de um para destruir o outro, e quando o vencido estava quasi morto, levantava-o para reduzir ao mesmo estado o vencedor.

Eram ferozes! A's vezes fingia querer concilial-os para os confundir e corromper mais. Nivelei as cabeças das papoulas como o nosso avoengo illustre Tarquinio Soberbo. Neguei prestigio ao genio, a gloria ao heroismo, antepondo-lhe a mediocridade laureada e o egoismo glorificado.

« Todos me amaram, e se alguns me desprezaram, era no intimo do seu coração e sem odio. Amavam-me tanto que se o divino Jupiter Capitolino me concedesse oito mãos, seriam insufficientes para dal-as a beijar á multidão que as solicitava de todos os lados·

« O meu reinado foi uma comedia, como chamava o seu, Augusto, nosso divino antecessor. Creio que representei, tão bem como elle, o meu papel. Não aborreci o vicio, nem amei a virtude; não arranquei aquelle, nem plantei esta; — servi-me ora de um ora de outra, como convinha.

« Ao principio encontrei almas varonis algumas se renderam com saudações, outras com honras e gorgetas para elles ou seus filhos, e contra as que ficaram firmes atirei a mediocridade ambiciosa. Coitados — morreram estallados, e, o que é mais, convencidos de que nada valiam. Não dei jogos, prazeres que passam e se esquecem; — dei empregos, e augmentei o funccionalismo; o ordenado é renda que póde ser vitalicia se o servidor não se esquece de seu divino senhor.

« Não dei victorias, alcancei derrotas e fui saudado freneticamente, e tanto que me obrigaram a dizer *basta!* e a regeitar palmas.

« Conservei na miseria os juizes; os ignorantes e necessitados ficaram; os talentosos procuraram outra carreira. *Esta é a pedra fundamental do meu systema.*

« Aperfeiçoei tanto a minha politica, e achei tão boas disposições, que obtive fazer da baixeza uma vaidade ou um luxo dos principaes da terra.

« Homens ricos, bem educados, amados por suas mulheres e por seus filhos, com todas as commodidades da vida, não se julgavam felizes emquanto não eram admittidos creados na minha casa; alguns entris-

teceram e morreram por me ter esquecido de lhes fazer esta *divina graça.* A chusma de solicitadores era tal que faltaram em meu palacio librés sufficientes.

«Emfim, em poucos annos estavam quasi todos a meus pés supplicantes, inclusive os successores dos Gracchos. Eu era a agua que matava a sêde, o fogo que aquecia, a luz que illuminava e o trigo que nutria. Era uma luta digna de vêr-se a que se travára entre os patriotas e os pretorianos para decidirem qual dentre elles seria o primeiro a tirar-me os borzeguins.

Diverti-me muito, fiz o que quiz, e não matei um homem!

Grande erro foi o vosso, meus irmãos! A politica da força faz martyres, e os martyres, como sabeis, resuscitam; a politica da corrupção faz miseraveis, e os miseraveis apodrecem antes de morrer.

Vós encontrastes em vossos reinados a invencivel resistencia dos cadaveres—vivos, e eu governei pacificamente vivos—cadaveres—vêde que grande differença!

Quando me achei moribundo, bem vi que os meus cortezãos abandonaram o meu leito, e correram aos pés de meu successor, perdoei-lhes: é a unica vingança dos miseraveis.»

— Ave Cezar! exclamaram os dois outros, e todos tres se sumiram nas trevas».

*
* *

Ultimamente ainda, a proposito do processo da conspiração monarchica, escreveu outro pamphleto sensacional e notavel pela erudicção juridica, elevação dos conceitos e estylo lapidar.

Teve larga distribuição e publicidade.

Deste pamphleto, sabemos que existe uma versão allemã, feita por um jornal escripto nesta lingua.

Além de eximio publicista e orador parlamentar, é notavel orador sagrado.

São conhecidas as suas conferencias relativamente a S. Francisco de Assis, ao Irmão Ignacio, a Obra da Expiação dirigida pelo Cardeal Manning, a missão do Arcebispo de Damasco.

Ainda recentemente, no Circulo Catholico da Mocidade, a pedido do Arcebispo Mon senhor Arcoverde, fez uma conferencia a respeito da Liberdade de Consciencia.

Transcrevemos a seguinte conferencia acerca de S. Francisco de Assis, realisada pelo eminente orador, na Ordem 3ª da Penitencia e publicada na gazetilha do *Jornal do Commercio.*

« Laureado pela pureza, engrandecido pela opulencia da caridade, omnipotente pela pobreza, que obra prodigios, os quaes deixam o mundo absorto, fundando monumentos que perduram, o patriarcha de Assis avulta, ainda em nossa época, como um grande espirito, que devassou os arcanos do porvir, e previo as miserias, as dores, as agonias das sociedades modernas.

O que é admiravel, senhores, é a sabedoria, com que prepara a solução de problema tão remoto. Dos pobres elle se occupa; abrasa-se de amor pelos infelizes. Eis o seu segredo; a caridade é seu poder; a pobreza sua força.

Não é um economista dominado por acanhado espirito de systema. Não é um moralista, que faz a propaganda de uma seita. Francisco é uma alma profundamente christã, e, sob as inspirações previdentes luminosas, divinas da graça e do amor — que é nelle uma immensa sciencia, soube comprehender que a miseria teria de ser o martyrio de uma grande parte da humanidade.

Então, elle com plena fé em Deus, com confiança na caridade, com seguridade na razão, se consagra ao serviço de uma causa radicalmente social, inteiramente politica e de todo ponto humanitaria.

Procura resolver o problema pela pratica da sciencia de fazer o bem,—sciencia que vem desses insondaveis abysmos do coração, da piedade, do amor em Jesus-Christo, o primeiro pai dos pobres; dessa sciencia que os sabios não inventaram nem ensinam, mas que Deus depositou n'alma privilegiada do Patriarcha como semente de luz, raio do novo sol, que esclarecerá o universo.

Já vol-o disse que nesta grandiosa individualidade, humana pela pobreza e humildade; humana pela sua natureza mortal; que neste homem eu não admiro

sómente o santo, o predilecto do Céu; o que me causa ainda um profundo espanto é a sabedoria do pensador, do philosopho, do estadista!

Não, não penseis que são estadistas homens sómente porque exercem o poder; porque occupam posições eminentes do Estado; porque se servem do Estado, mas não o servem a elle.

O estadista vive da vida de sua nação, comprehende as necessidades do seu tempo, tem o idéal, e conhece os meios praticos de realizal-o: isso é, a intuição e a execução do bem, da verdade e da justiça.

Ora, senhores, ninguem mais do que Francisco teve essa intelligencia viva das necessidades politicas e sociaes; ninguem teve mais vasta comprehensão da verdade; ninguem teve maior culto á justiça, ao direito e á lei. Não houve tambem alguem que soubesse, melhor do que elle, dar uma solução tão feliz e completa ao doloroso problema da miseria.

Qual foi o principio de sua sciencia? — o amor. Foi esta força — emanação de um coração ardente pelo bem da humanidade — que obrou prodigios.

Francisco, de certo, não podia deixar de ser dotado de uma alma altamente meditativa; devia ter estudado muito, reflectido muito; sua sciencia é immensa; nada que interessa a sociedade, nada lhe escapa. Elle nada ignora; tudo sabe. Elle applica o meio de reparar pelo bem o mal que o erro produz; elle é um conselheiro verdadeiro; podemos escutal-o e seguil-o com inteira

confiança. Este homem humilde, este maltrapilho, que, noite e dia, esmola, este pedinte de todos os momentos, já não é só um sabio, é uma alma altiva, soberba, que não sacrifica o direito, a liberdade, a crença e a consciencia ás potestades da terra!

Christão sincero e coração puro, elle é forte, é audaz, porque crê na eterna promessa dos immortaes destinos da alma humana. Humilde, faz da obediencia a gloria, a ambição de sua vida. Grande ambicioso até do martyrio! Grande ambicioso, que nenhuma honra reserva para si! Ambicioso de fazer sacrificios e de abnegação pelos seus semelhantes!

O orador entra numa serie de observações delicadas, procura fazer comprehender aos ouvintes como o Patriarcha entre suas virtudes sabia conciliar a austeridade com a brandura; na intimidade tinha todos os dons de uma carinhosa amisade; como, a maneira de fiel companheiro,dava proficuos conselhos e ministrava salutares consolações. No santo o homem apparecia com todos os affectos, que fazem os enlevos da nossa existencia.

O orador empenha-se em evidenciar que o Patriarcha, ao passo que se consagra ás obras de caridade, procura educar a mocidade, elevar as classes pobres, infundir-lhes o habito do trabalho inspirar lhes o amor da virtude e moralidade, combater os vicios e salvar os arrependidos.

Esta turba, diz o orador, que engolphada nos pra-

zeres, que corrompem a alma, e fazem apodrecer o corpo ; que aniquilam a energia e abatem a altivez do coração ; esta turba de ebrios de gosos sensuaes, pervertida e gasta nas orgias ; esta turba de enfermos incuraveis de vicios,— nunca encontrou um amigo mais complacente e bondoso, nunca foi acolhida com mais benevolencia, com mais ardente sympathia do que por Francisco de Assis.

O nosso Patriacha, senhores, penetra os antros do crime, repousa nos esconderijos dos vicios, entra em toda a parte ; nada o detem, porque lá, nesses centros asquerosos, lá mesmo esse luctador destemido vai salvar uma creatura, feitura das mãos de Deus ; lá mesmo vai ganhar mais uma victoria, gloriosa conquista, santa victoria da caridade.

O vicio, o crime, a devassidão, as orgias não o podem macular, ao contrario, elle os purifica, faz do tenebroso luminoso, converte o mal em bem !

Notai, senhores, que o apostolo da caridade não é grande nestes feitos por ser um santo. Notai que aqui brilha o philosopho, o philantropo, o patriota, o insigne democrata. Aqui se vê a elevação, o alcance das idéas do homem de meditação sobre os males que aluem as bases de uma sociedade, sobre os erros e perigos que ameaçam os estados e flagellam os povos.

A educação pessoal, o soccorro do pobre, a moralisação do devasso, tudo isso é acto que se refere ao

individuo. O que preoccupa Francisco, exercendo um apostolado de caridade, por sua essencia universal, é rehabilitar o individuo decahido para gravar-lhe no fundo do coração a dignidade e santidade da creatura: é que nelle vê uma alma immortal — sopro inflammado do verbo divino; é que este democrata inspirado, mas cidadão submisso á lei, patriota sincero, quer o homem como um ente intelligente e moralisado, porque ama devéras a liberdade no individuo, como no seio da sociedade.

O ultimo dos miseraveis, o ultimo dos pobres, o derradeiro dos criminosos é para Francisco obrigado a cumprir deveres e a manter direitos sagrados, os quaes ninguem deve violar, os quaes ninguem póde cumprir sem libertar-se dos vicios. Consciencia do christão illuminada pela razão do cidadão! Elevando a moralidade do individuo, radicando-lhe o sentimento de sua superioridade, vós affirmastes ao homem, que elle tem um destino; que elle nunca deve ser o escravo, nem da miseria, nem da tyrannia. Ensinastes que a lei de Deus é o amor e não o despotismo, é a felicidade e não a corrupção e perdição da alma!

O orador desenvolve idéas generosas ácerca de questões sociaes, especialmente do pauperismo; explica a missão augusta do Patriarcha no tocante aos direitos e deveres do individuo; mostra como a philosophia pratica de Francisco tem sido fatal a toda a tyrannia, e sobre tudo fortifica o individuo até contra o despotismo

pagão da omnipotencia do Estado, da brutalidade da força.

Faz sentir que a pratica e doutrina de S. Francisco é altamente democratica, desde que cria o individuo forte pela independencia da sua consciencia, que não se submette á verdade e á Deus, sinão ao amor do proximo.

Continua o orador : Toquei embora rapidamente n'estes assumptos, porque desejo elevar os espiritos que me escutam, as alturas da belleza moral ; desejo mostrar-lhes o exemplo vivo, que nos legou um dos maiores heróes, que serviu e honrou a humanidade.

Toquei principalmente porque elles se prendem á educação do individuo, á formação da indole e do coração ; a força do caracter e a virtude : são os thesouros da nossa alma.

Vós que tendes filhos, comprehendeis bem que a educação é tudo, inapreciavel riqueza, que nunca se perde !

Vêde bem que educar não é só cultivar a intelligencia....Não, não, educar é elevar a alma, engrandecel-a, enriquecendo-a com a verdade, com a moral, e com o sentimento fecundo de Deus. Dai á alma estas forças, ella será invencivel. Temperai a consciencia humana ao lume d'estas virtudes, fareis precioso serviço á educação dos vossos filhos, a grandeza e prosperidade da vossa patria e do genero humano....

Francisco, senhores, comprehendeu e praticou todas estas cousas. Eu por mim declaro que não conheço nem philosopho, nem cidadão, nem homem de estado, que fosse mais democrata, mais amigo do povo, do seu paiz, do seu seculo, e da humanidade inteira, do que o benemerito filho de Assis!

Examinai a sua obra sem os preconceitos dos ignorantes; tomai esse vulto sobrehumano, porque era seraphico; comparai-o com outro qualquer personagem da historia, reconhecereis que a sua razão é a de um consummado estadista; a sua sciencia a de um philosopho; o seu patriotismo o de um dedicado cidadão que deu amôr e abnegação pelo filho do povo, pelo pobre; são provas eloquentes que o proclamam verdadeiro e sincero democrata.

O orador faz a critica dos agitadores, dos bufarinheiros de um liberalismo, o qual se desmente no poder; illude, corrompe, e perverte o povo, e o avilta para converter o poder e a liberdade delle, como dizia Tacito, em *instrumentum regni.*

Demagogos!! ah! esses de todos os cantos, de todas as noites, vede-os ahi aos centos! O que é que dizem?

Não sabeis. Notai seus actos; são a contradicção de suas palavras. Ellas têm as trevas, mas não têm a luz da liberdade.

O orador pronuncia estas palavras com um certo

tom commovido, e, depois de breve pausa, parecendo attentar na curiosidade do auditorio, continua :

Reconheço que é tempo de fallar-vos um pouco da obediencia. Ha na historia um estigma, que se perpetua sobre a fronte do jesuita—*perinde ac cadaver*...

O orador com gesto de exaltação, exclama—mas não vi ainda mais bella nem mais glorificadora legenda !

Que grandeza d'alma, que heroismo sobrehumano, que omnipotencia de vontade e de virtude encerra esta synthese ! Ter o homem o poder de vivo fazer-se um cadaver pela obediencia, pelo amor de seus irmãos e pelo serviço de Deus ! E como se fora este, crear a propria vontade, dar á sua natureza um predicado sobrehumano.

Senhores, o espectaculo contristador da vida publica e privada ; a baixeza e degradação da sociedade hodierna ; as torpezas em que se abysma a liberdade; a nihilidade deploravel do homem nestes tempos tão preconisados, nos forçam a ter menos orgulho e muita modestia, ou antes muita humildade.

Mas, tumidos de vaidade, lançamos olhares desdenhosos para os claustros e atacamos os pacificos habitantes destas solidões abençoadas por causa da obediencia, imposta pela disciplina ; obediencia, que foi um dos florões da corôa do nosso Patriarcha.

Em nossos dias o servilismo, cousa differente da obediencia é inseparavel dos caracteres sem crenças,

sem ideias e sem fé; corrompidos pelos vicios, enfraquecidos pelos deleites, escravisados á sordidez do interesse, submissos á omnipotencia do Estado, aos caprichos dos governos.

Eis ahi uma das faces do mundo actual.

A outra é a revolta da vontade, são a impotencia e as estolidas pretenções da liberdade, as estereis agitações dos povos, a hypocrisia do poder, que viola as leis, tyranisa os povos, e as aberrações irrisorias da sciencia.

Quando destas alturas contemplais o frade, que, por força de regra, presta illimitada obediencia ao superior, o condemnais como um ente aviltado. Eu protesto em nome dos inviolaveis direitos da consciencia humana contra esse estigma, que parece queimar a fronte do jesuita. Eu protesto em nome da verdade e da justiça contra essa irrisão, que o bom senso deste seculo deve repellir.

Como! Chamais aviltamento, chamais negação da liberdade a obediencia, que justamente é o acto, que affirma poderosamente a firme resolução de minha vontade, o reconhecimento de minha força, a mais alta proclamação da minha liberdade!

O homem que voluntariamente se impoz o dever da obediencia,não é um instrumento, nem um cadaver; é, ao contrario, a viva e esplendida encarnação duma grande virtude — a da abnegação!

Dominar-se, ser senhor de si mesmo a ponto de se governar, de concentrar toda a energia da natureza em cumprir e observar a lei, que estabeleceu em sua consciencia, por escolha de sua razão, é o que só podem praticar as naturezas virís e heroicas!

Estes heroismos são mais bellos, mais grandiosos do que aquelles que a historia rememora; são mais meritorios, embora passem ignorados e obscuros.

Quando Mucio Scevola, mancebo audaz, queima corajosamente a mão no brazeiro, os applausos de vossa admiração o proclamam heróe e grande patriota.

O que neste acto provoca a vossa admiração? E' a energia da vontade; é a renuncia que faz da sua vida; é sem duvida o sacrificio e abnegação; é a belleza moral de uma acção, que não sabeis praticar!...

No homem que se curva á obediencia — não por servilismo — mas pela idéa viva, immaculada e grandiosa do dever; pelos votos de sua consciencia em prol de uma causa sagrada; pela pureza e intensidade de sua fé, não podeis vêr outra cousa sinão a santidade de uma personalidade energica, sublime e heroica.

Equiparais o soldado ao frade; dizeis que são dois instrumentos de obediencia passiva; duas materias inertes, *perinde ac cadaver;* duas sombras, que se movem ao capricho de uma força extranha! dous entes aviltados!

Pois bem; ha nestas injustiças inevitavel punição; nunca fica triumphante a violação das leis supremas da

verdade; o victimado excede em superioridade aos seus detractores...

Quando o inimigo cerca a cidade, ameaça o vosso lar, calca o sólo sagrado da patria, devasta vossos campos, pollue vossos altares, está prestes a degollar vossos filhos, quem vos salva á patria, os altares, o lar e os filhos? Dizei-o: são as inimitaveis victimas da abnegação, são esses soldados, que consagraram a sua vida ao sacrificio pela salvação do que vos é tão caro! Dizei — se elles são sombras, instrumentos, cadaveres, ou se são os heróes da grandeza moral, da virtude maravilhosa da obediencia!

A pyra do sacrificio está accesa; reune-se o capitulo; entra solemne o geral, e, com seu dedo fatidico, aponta os frades, que devem correr a affrontar a morte inevitavel no meio das florestas entre hordas ferozes.

Os frades indicados curvam-se, obedecem, partem.....

Nem um murmurio!.... Lá se vão esses impavidos soldados da fé; esses apostolos da lei evangelisando a palavra da redempção, abrasados no amor do proximo! Quanto é sublime essa resignação de uma obediencia, que aos estultos provoca riso e estigma; mas que as almas escolhidas admiram e veneram!

Os seculos passam, as gerações succedem-se, os marmores gastam-se: mas ainda correm os povos a contemplar os amphitheatros, onde gotejára o sangue dos martyres da fé; daquelles que obedientes á lei di-

vina a souberam cumprir. Se a historia, que guarda os estigmas, não lhes registra os nomes, a veneração e a piedade, porém, levantão-lhes altares, a humanidade lhes consagra cultos e hymnos de adoração !

O orador caracterisa e define a obediencia, expende, como S. Francisco a considerava, escrevendo — *De vera obedientia*.. A concepção dessa ideia implica todos os elementos da justiça, da razão e da verdade ! Discute e aprofunda este assumpto, combate as erroneas pretenções do absolutismo — quer seja clerical, quer seja secular. Diz o orador que S. Francisco de Assis era a viva e esplendente imagem da liberdade, porque tinha no coração inesgotavel thesouro de amor, e a lei do amor é lei de liberdade. A obediencia, que a razão prescreve, é a fonte da ordem ; sem esta nem a liberdade, nem a sociedade subsistem. Prova, com apaixonada eloquencia, qual o grandioso papel da obediencia; como ella sahe das profundezas da vontade humana para ser o titulo da superioridade da sua razão, a manifestação scintilante de sua consciencia, a affirmação positiva, concludente, imperiosa da propria liberdade.

Diz o orador—quando os frades, obedecendo ao geral, precipitam-se ao sacrificio e, com a resignação, que é a coragem da alma ; com o sorriso da esperança, que é o raio da bondade celeste :—voam aos confins do mundo, aos perigos, á morte—quem é ahi o forte, o grande, o inimitavel, o heroe, o objecto quasi sagrado da nossa admiração ?

E' o que manda ou o que obedece ? !

Senhores, como ousareis dizer agora que são entes aviltados, são sombras vãs, são instrumentos *perinde ac cadaver*, aquelles mesmos que são a encarnação viva, fulgurante, omnipotente da vontade, transformada quasi em manifestação do poder supremo da divindade, reflectindo-se na alma humana ? !

Sentistes na contemplação desta magestade da obediencia, como vos acabei de expôr—um não sei que de augusto, de divino, que nos consola das miserias terrestres e nos engrandece a nossos proprios olhos.

A obediencia foi uma virtude que o nosso Patriarcha praticou em todos os dias da sua rapida existencia. Tinha sido inexcedivel na caridade ; tinha sido omnipotente na pobreza, mas da obediencia elle fez a luz, o conforto, a essencia do seu ser !

Não imitemos os declamadores ineptos. Não destruamos na alma humana o germen da sua força, os titulos de sua immortalidade. Pela obediencia chegamos ao sentimento intimo, de que não é ephemera, não é inteiramente corrompida a nossa natureza—maldita desde a quéda do primeiro homem.

Sentimos levantarem-se, agitarem-se dentro de nós os instinctos do bem, os quaes nos recordam a nossa origem ; nos indicam os nossos destinos depois das provações desta existencia, que passa, e da nossa esperança que perdura com a crença em Deus !

O orador pondera que Francisco de Assis era um privilegiado do céu, um Moysés do seu tempo. Basta abrir a historia profana para se vêr que através das terriveis lutas da idade média, só um homem superior pela grandeza do espirito, poderia representar o papel de Francisco de Assis, verdadeira personificação de tudo que ha de puro em uma época.

Este homem, exclama o orador, este servo dos pobres, este soldado obediente, este mendigo opulentissimo, tem na alma o reflexo de um Deus; é mais forte que um heroe, é mais audaz que um guerreiro!

De onde lhe vem todo este poder? Do amor, da pobreza, da caridade, da obediencia.

Tudo neste homem revela grandeza. Elle não é um sabio vulgar; elle não é um legislador ephemero; elle não é um conquistador sem futuro.

Todos os seus feitos perduram; podemos crêr que se eternisaram.

Que obras immensas conseguiu fazer?! As successivas gerações não as superavam; os seculos não as poderam destruir.

Santo e patriota, apostolo e sabio, elle possuio tambem o dom da poesia.

Fundou hospitaes, ordens e Conventos; legislou um codigo immortal—a sua santa regra.

O orador faz minuciosas observações sobre o caracter e os resultados da missão de Francisco. Demonstra que Francisco de Assis teve tão poderosa influencia

que arrastou papas, cardeaes, reis, sabios, e, o que é mais, senhores, creou uma immensa popularidade, e ainda hoje a sua fama e o seu nome são populares.

Não sabeis porque a popularidade de Francisco se vai transmittindo de evo em evo por todos os paizes ? E' por ter sido o pai da mais numerosa familia—a dos pobres. E' porque foi o amigo do operario. E' porque elle se identificou com o povo.

Notou o orador esta differença entre S. Francisco e os outros santos do catholicismo : uns santos são sabios, luminares e doutores da Igreja ; homens virtuosos serviram especialmente a causa da perfeição individual. E' por isso que não são conhecidos senão nos fastos da Igreja ; é por isso que não exerceram essa influencia dominadora, popular. Comprehende-se, que o povo não prodigalisa suas palavras, não consagra sua admiração, senão áquelles que servem sinceramente a sua causa, que defendem os seus direitos. Debalde tem-se tentado pervertel-o, elle resiste : mas, se um dia se desvaira, no outro volta aos caminhos da verdade e da razão. O povo não vende o seu dom mais precioso, a honra de sua popularidade.

Esta estima, esse dom da popularidade, o nosso Patriarcha o teve e ainda hoje se augmenta.

O orador faz ainda as seguintes observações, que, emquanto os outros santos limitavam-se a perfeição, a pratica de virtudes pessoaes, Francisco de Assis, como

aventureiro da fé, corria por toda a parte, sahia da solidão, procurava as turbas, e lá ia descobrir o pobre, convivia com o povo, cuidava da perfeição de todos, remediava todas as dores, suavisava os infortunios.

Aqui vêdes, senhores, a razão dessa grande influencia. Aqui vêdes, a philosophia e a fé unidas, o santo e o democrata, o sabio e o estadista, o apostolo de Deus e o servo do pobre.

O nosso Patriarcha tem uma ufania unica, que só coube a Christo. Elle é conhecido, amado, desde as esplendidas regiões do Oriente até as remotas terras da Africa e da America. O mundo civilisado, o mundo barbaro, viram ou conhecem os prodigios dos Franciscanos. A civilisação, a liberdade politica e civil, os governos, os reis, os povos, muito devem a esta legião de heróes. Em todas as linguas se escreveu o codigo admiravel deste immortal legislador; só o Evangelho é mais espalhado, só o Evangelho é mais conhecido. Os poemas de Homero, os livros dos historiadores, as obras monumentaes da sabedoria humana, não pódem disputar a notoriedade com a santa regra do nosso venerando Patriarcha.

Que nos importa a nós os sarcasmos? Que nos importam que digam que os filhos de S. Francisco—por professarem a obediencia—são instrumentos, são aviltados?

Não, não temamos a iniquidade destes juizes.

Os horizontes da justiça são vastos, immensos; abrangem este mundo que hade acabar, e estendem-se ao outro, onde hão de fulgurar perennemente—a coragem varonil, as virtudes heroicas, o nome de Francisco de Assis.

Eis a sublime recompensa da gloria na eternidade !».

*
* *

O Conselheiro Ferreira Vianna foi deputado em cinco legislaturas, Presidente da Camara Municipal, Ministro da Justiça e do Imperio. Ao deixar o governo fundou com o venerando Conselheiro Andrade Figueira o jornal *A Nação*.

A vida do illustre jurisconsulto, jornalista, estadista e orador tem sido uma serie inninterrupta de serviços á patria, á religião e á humanidade.

Espirito de eleição, alma generosa, ungida pela fé, a sua physionomia, é o reflexo da grandeza de seu coração, o espelho fiel das suas eminentes qualidades.

Calmo e sereno como os puros de consciencia, jámais alguem lhe notou manifestações de odios ou rancores, jámais alguem o conheceu brusco deixando-se dominar por impulsos ou arrebatamentos de genio.

Lhano e affavel, pausado no fallar, ha na sua voz a suavidade e a mansuetude do philosopho. Arrasta um tanto a phrase com a correcção propria dos eruditos, pausada, lenta e com uns resaibos ligeiros do sutaque portuguez antigo. Com o braço direito erguido, estende o indicador e martella com elle a sua affirmativa, ao mesmo tempo que cofia com a mão esquerda a barba, que costuma trazer curta.

Modesto no seu modo de viver o seu vestuario é despretencioso e severo. Quasi sempre traja de preto, usando chapéo baixo; só no verão usa collete branco e chapéo de Chile. Caminha sempre vagarosamente, e muitas vezes com as mãos unidas nas costas.

Elevada é a somma dos serviços que prestou a esta Capital no exercicio do cargo de Presidente da Camara Municipal e nas pastas da Justiça e do Imperio, no glorioso ministerio 10 de Março, presidido pelo illustre Estadista Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira.

Foi o fundador das Escolas municipaes de S. Sebastião e S. José, em 1870 e 1871; do Necroterio em 1871; dos hospitaes de S. Sebastião e da Jurujuba; dos Asylos Conde de Mesquita e S. Bento, na Ilha do Governador, nos terrenos concedidos pelos religiosos benedictinos e herdeiros do Conde de Mesquita; da Casa de S. José, para crianças abandonadas nas ruas; do Instituto de Hygiene; do Laboratorio do Estado;

dos tres edificios onde funccionam os Desinfectorios no antigo Matadouro, nas ruas da Relação e João Clapp; da Maternidade (que deixou em construcção) na praia da Lapa; do Hospital destinado ao tratamento exclusivo das crianças, (plano e projecto que foram approvados em 1389); da Inspecção de Hygiene da Infancia Escolar, cujas instrucções foram determinadas por decreto de 28 de Março de 1889; de quinze postos medicos para prompto soccorro durante a quadra epidemica, á população indigente desta Capital.

Foi fundador ainda da Associação Protectora das Crianças Pobres, em 1870, que annualmente fornecia roupa aos meninos das escolas de S. José e S. Sebastião; promotor e fundador de um Albergue Nocturno para dormida dos infelizes sem tecto.

Reformou, como Ministro da Justiça, os regulamentos do Corpo Militar de Policia, garantindo aos officiaes os seus postos; a Casa de Detenção e o Asylo de Mendicidade. Iniciou a inspecção dos hospitaes e casas em que são recolhidos os loucos, no sentido de garantir-lhes a liberdade e bens. Elaborou o seguintes projectos: reforma judiciaria, lei de repressão da vagabundagem, reforma da Camara Municipal (adoptada como projecto substitutivo pela opposição liberal no Senado e na Camara dos Deputados); reforma da administração das ex-Provincias; reforma financeira sobre estradas de ferro e telegraphos do Estado e de iniciativa particular.

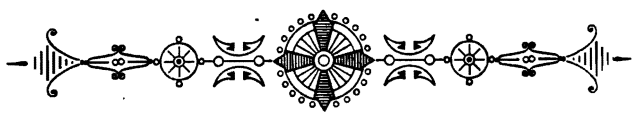
Mandou restaurar a Capella Imperial; restituio ao culto a Igreja de S. Joaquim, depois de 61 annos de interdicção.

E' grande protector do Hospital dos Lazaros; da Igreja da Candelaria e Veneravel Ordem Terceira da da Penitencia.

Defensor e protector da liberdade individual, mandando destruir as *escuras* da Casa de Detenção, convocar jurys extraordinarios e prohibir as prisões sem nota de culpa.

Coube-lhe a grande satisfação de fazer parte do Governo que aboliu a escravidão no Brazil, aspiração esta muito de sua alma, e para cuja realisação poderosamente valeram as suas luzes, a sua coragem em affrontar os perigos annunciados e o seu prestigio como orador parlamentar.

Proeminente entre os proeminentes do partido conservador no antigo regimen, os seus discursos, escriptos e os seus actos são a affirmação do seu grande espirito liberal.

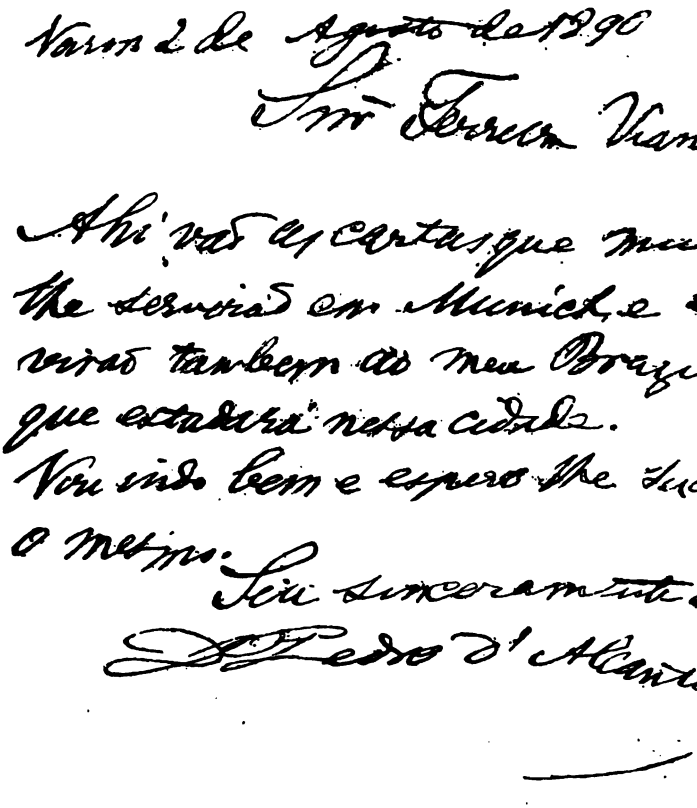


VIAGEM A' EUROPA

Na sua viagem á Europa percorreu a França, a Italia, a Hespanha, a Inglaterra, a Baviera e Portugal.

Antes de partir para a Baviera recebeu do velho Imperador Pedro II cartas de recommendação para o Principe Regente, sabios e homens politicos.

Damos em seguida o *fac-simile* da carta do Imperador, remettendo ao Conselheiro Ferreira Vianna as referidas apresentações.



Estando na Baviera assistiu em Oberammergau o pomposo officio da Paixão que ahi se celebra de dez em dez annos.

Em um dos interessantes livros do Sr. Dr. Affonso Celso, encontra-se uma discripção fiel deste officio, que

attrahe a aldeia Bavara grande concurso de fieis e curiosos de todos os pontos do globo.

Visitou tambem o sabio professor Pettenkoffer, para quem levou uma apresentação especial do Imperador e sabemos que ouviu do notavel hygienista elevados conceitos em relação ao Dr. Rocha Faria, notavel clinico e illustre professor de hygiene da Faculdade de Medicina desta Capital, cujos trabalhos, como Inspector de Hygiene, eram conhecidos e apreciados por aquelle sabio.

Em Roma demorou-se alguns mezes visitando e examinando as grandes obras da cidade artistica.

Viu desenrolar-se diante dos olhos, vivo, em monumentos immorredouros, o espectaculo extraordinario das grandezas do passado que a sua profunda erudição já de ha muito havia evocado em escriptos, discursos e magnificas conferencias religiosas e artisticas.

Varias vezes foi recebido pelo Soberano Pontifice Leão XIII com distincção particular e no Vaticano encontrou como Sub-Secretario de Estado Monsenhor Muncenni, seu amigo desde o tempo em que occupou no Brazil o cargo de Internuncio Apostolico.

Percorreu a Italia com uma recommendação especial da Santa Sé, para os Abbades e Bispos, apresentando-o como um benemerito da Igreja e luminar das lettras sacras.

Foi a Cannes visitar o Imperador e a Nice a Princeza D. Izabel e seu augusto esposo o Conde d'Eu. O Imperador convidou o Conselheiro Ferreira Vianna para residir no *Hotel Beau-Sejour* e durante as semanas que alli esteve almoçava e jantava á meza de sua magestade.

A Princeza vinha diariamente jantar em Cannes em companhia de seu venerando pae. Todas as manhãs o Imperador ao regressar ao Hotel, depois da ducha que tomava em um estabelecimento hydrotherapico, escolhia entre muitos ramos de flores, que lhe offertavam na sua passagem pelas ruas de Cannes, o mais lindo e enviava á sua filha em Nice. Depois de jantar o Imperador convidava o Conselheiro Ferreira Vianna para a partida hygienica do bilhar e durante o jogo, em animada palestra, trocavam espirituosas pilherias.

A Princeza, em companhia de sua dedicada amiga a Baroneza de S. Joaquim e do illustre brasileiro Conde de Motta Maia assistiam a partida de bilhar.

Interview com o Dr. Brandão

Em um interessante livro de notas do Dr. Pires Brandão, que acompanhou o Conselheiro Ferreira Vianna, seu sogro, na visita ao Imperador, vimos registradas opiniões, bons ditos, juizos litterarios e politicos do ex-Imperador. Não conseguimos obter do nosso distincto amigo alguns extractos.

« Virão a lume opportunamente, disse-me o Dr. Brandão. Só abri uma excepção em relação ao Visconde de Taunay, que insistiu pela transcripção de um juizo do Imperador a respeito de seu pae, que foi um de seus mestres. O Visconde publicou-o na *Revista do Instituto Historico.* »

Contém, além de outros assumptos, interessantes apontamentos sobre a viagem do paquete *Alagôas*, segundo informações do saudoso André Rebouças.

— Ao menos dê-me as suas impressões? — pedi ao meu amigo, quando o procurei em um domingo na sua aprazivel residencia á rua do Fialho, para verificar alguns pontos destas *Notas* em relação á viagem á Europa do Conselheiro Ferreira Vianna, que (como é sabido) levou em sua companhia a familia.

« Foi em Cannes (disse-me o Dr. Brandão) que me approximei do Imperador, e a convivencia com Sua Magestade deixou-me indelevel recordação. Quando, no Hotel *Beau Sejour*, subi as escadas em direcção aos aposentos de Sua Magestade e vi o Imperador senti aquella emoção que Theophile Gautier descreve ao fallar pela primeira vez com Victor Hugo. O Imperador acolheu-nos com a cordialidade de um amigo. Informado de que não havia commodos desoccupados no Hotel fez chamar á sua presença o proprietario e conseguiu que alli fossemos hospedados.

Foram duas semanas que jámais esquecerei! O Imperador impressionou-me profundamente.

Era um espirito de vastissima cultura, conhecia tudo, professava sobre todos os assumptos que a conversa suscitava.

Que memoria! Lembro-me que ouvi reproduzir trechos de Renan, Anatole France (um dos seus escriptores predilectos) recitar poesias de Musset, sonetos de Heredia e repetir sem falha de uma estrophe a celebre poesia de Ackermann á *Satan*! Acompanhava o movimento litterario e scientifico dia a dia; vi sobre sua mesa de leitura volumes de obras recentemente publicadas com dedicatorias de seus autores.

Apezar de ter a saude combalida lia muito; referio-nos o Conde de Motta Maia, seu medico e amigo dedicado, que todas as noites luctava com o Imperador para fazel-o deixar a leitura e recolher-se ao leito, usando quasi sempre do expediente de suspender a lampada de estudo, retirando-lhe a luz como meio de obrigal-o a deixar o livro.

No exilio o Imperador guardava a etiqueta. Não era mais o *touriste* philosopho da primeira viagem, que atravessou a Europa de bonet, frack e bolsa a tira-collo como espirituosamente descreveu Ramalho nas *Farpas*.

Trajava sempre de preto, longa sobrecasaca e chapéo alto. Os seus aposentos no Hotel tinham no alto da porta uma placa de bronze dourado com o seu nome: *D. Pedro de Alcantara*. Defronte do Hotel estacionava diariamente um rico *landau*, tirado por caval-

los de raça, para os seus passeios, posto que preferisse sempre fazel-os a pé. Era muito popular em Cannes, parava á porta das livrarias e casas de flôres, affagava as crianças que alegres e risonhas vinham ao seu encontro beijar-lhe a mão, e muitas vezes o acompanhavam até ao Hotel formando um lindo cortejo...

—Que dizia o ex-Imperador relativamente á Republica ? (perguntei)

« Este tratamento de ex-Imperador (continnou o Dr. Brandão) faz-me lembrar uma resposta de espirito de Napoleão I a seu medico e que li, ha pouco, num excellente livro que me offereceu o nosso illustre amigo Pereira Leitão. Um dos medicos de Napoleão, durante o seu captiveiro de Santa Helena, no boletim diario que enviava a Hudson Lowe á cerca do estado de saude de Napoleão, deu-lhe o tratamento de Imperador. Hudson Lowe devolveu o boletim riscando o tratamento de Imperador e escrevendo á margem : *General Bonaparte.* O medico mostrou a corrigenda a Napoleão, que lhe recommendou : « Não escreva mais *Imperador*, nem tambem me dê o tratamento de *General Bonaparte.* Escreva simplesmente : *O paciente.*»

— Não tem applicação ao caso (accrescentei). Chamo ex-Imperador sem *parti pris*. Apezar de republicano ninguem admirou mais do que eu o Imperador, hoje finado.

— O Imperador (continuou o Dr. Brandão) acompanhava os acontecimentos politicos que se desenrolla-

vam entre nós com a attenção que sempre prestou aos negocios publicos no governo.

Recebia os jornaes, lia-os, commentava as reformas applaudindo o que merecia applauso e combateudo os erros com franqueza e o mais vivo interesse pelo Brazil.

Conhecia quasi todas as figuras que iam surgindo no novo scenario politico e dellas se occupava *sine odium ac studium*. Com que magnanimidade affrontava as injustiças! Um dia (recordo-me bem) leu em voz alta dois capitulos de um folheto publicado, então, por um antigo servidor do Imperio e respondeu ás accusações mais vehementes com toda a serenidade, defendendo-se a não deixar a mais ligeira duvida. Nunca o ouvi queixar-se do que soffreu, nem carpir a perda do throno. Fallava do Brazil com o amor e a saudade de um filho amantissimo. Uma tarde elogiando eu as bellezas de Cannes, o seu clima ameno, o Imperador observou-me promptamente: « Quem tem Petropolis não póde exaltar Cannes ».

Nenhum brazileiro amou tanto o Brazil!

Tragava as amarguras do exilio com exemplar dignidade. Podia Daudet *passear o seu espelho* sobre a figura do Imperador que não veria o reflexo de um daquelles *ratés* do throno dos *Rois en exil*.

— Estiveram com a Princeza? (perguntei.)

— No mesmo dia em que chegamos a Cannes

fomos a Nice beijar a mão da Princeza e visitar o seu augusto esposo.

Foi uma scena commovente. A Princeza vendo-nos, recem-chegados do Brazil, não pôde reter as lagrimas, disfarçar as saudades da Patria, que a nossa presença avivava. Trazia ainda o lucto pela morte de sua santa Mãi. Foi o Conde d'Eu que encetou a conversa, rompendo um silencio doloroso. Sua Alteza informou-se com interesse da longa viagem que fizemos até Cannes, ferindo na conversa outros assumptos.

O Conde d'Eu, que prestou gratuitamente ao nosso exercito inolvidaveis serviços e cujo nome brilha na Historia da guerra do Paraguay, a par de Caxias e Ozorio, tem a paixão das armas que transmittiu-lhe seu pae, o Duque de Nemours, um dos heroes da Africa, e que tinha seu tio, o grande D'Aumale, o primeiro soldado da França, como confessou o general Billot, um dos ministros da guerra da Republica.

Quando li, ha mezes, o juizo imparcial e valiosissimo do meu venerando chefe o Conselheiro Andrade Figueira sobre os serviços prestados pelo Conde d'Eu á nossa Patria e dous artigos admiraveis de Martin Francisco, no *Commercio de S. Paulo*, lembrei-me da modestia com que sua Alteza,conversando em Nice, esquecia estes serviços para exalçar alheios meritos.

O Conde d'Eu além de muito illustrado dispõe de uma grande memoria de nomes e datas. Conhece

as pessôas pelos seus nomes por inteiro, os serviços que tem prestado, a fé de officio dos nossos officiaes de alta patente.

A Princeza vinha todas as tardes a Cannes jantar com o Imperador, trazendo em sua companhia a Baroneza de S. Joaquim, sua dedicada amiga.

Durante a partida de bilhar que o Imperador jogava com o meu sogro, Sua Alteza sentada junto a uma pequena mesa de ferro fazia crochet, conversando sobre litteratura e bellas-artes. Revelava muita leitura e na critica fina, que fazia sobre os livros, apurado gosto artistico. Daudet e Bourget (parece-me) eram os seus autores preferidos. Recordando-lhe a predilecção da Rainha da Roumania (Carmen Sylvia) pelos livros de Loti, Sua Alteza observou : «Tambem gosto do estylo de Loti e dos escriptos de Carmen Sylvia, sempre tão philosophicos.»

O Imperador, apezar de attento á partida de bilhar, voltava-se ás vezes para o circulo em que estavamos, e intervinha na conversa, emittindo sua opinião, quasi sempre de accôrdo com a Princeza. Sentia-se que o Imperador tinha orgulho pela filha e justo desvanecimento de sua apurada cultura. A Rainha Regente da Hespanha, a grande Maria Christina, em uma audiencia que deu a meu sogro, á qual assisti, fallando de nossa Princeza, disse o seguinte :

«Conheço-a muito de perto, pois, passou alguns dias commigo em Madrid. E' um alto espirito, talha-

do para dirigir os destinos de um povo, ainda o mais adiantado.»

Depois de escrever esta interessante palestra, despedi-me de meu distincto amigo, que gentilmente mostrou-me algumas curiosidades bibliographicas de sua livraria e bellas estampas de sua apreciada collecção de gravuras e guiando-me ao andar superior, onde ficam os aposentos do Conselheiro Ferreira Vianna, que se achava ausente na Gavea, fez-me ver um bellissimo Christo de marfim, trabalho do celebre esculptor Eberle, de Munich. Notei que além da vasta bibliotheca do escriptorio tem tambem o Conselheiro outra, na sala contigua á seu quarto.

Apertando a mão do meu distincto amigo, que tão bello subsidio offereceu ao meu livro com esta encantadora conversa, disse-lhe: « Deve ser muito util e agradavel o commercio diario com um espirito da elevação de seu sogro. »

E' exacto (confirmou o Dr. Brandão) e a elle posso applicar o que dizia de seu bom mestre um dos personagens de Anatole France: « *Je le tiens pour le plus gentil esprit qui ait jamais fleuri sur la terre.*»

*
* *

Proseguindo na sua viagem pela Europa, o Conselheiro Ferreira Vianna visitou a cidade de Londres, em

companhia do illustre brazileiro Conselheiro Silveira Martins.

Em Londres esteve com o Cardeal Manning, que o distinguiu convidando-o para jantar em seu palacio e visitando em sua companhia o templo catholico, então em construcção.

Nesta audiencia especial que lhe deu o Cardeal Manning e na qual o Conselheiro Ferreira Vianna foi acompanhado pelo benemerito padre Vaugham, fallando o Cardeal sobre o protestantismo na Inglaterra e o proselytismo que a religião catholica ia alcançando disse ao Conselheiro Ferreira Vianna a seguinte phrase : « Como sabe, eu tambem sou um converso.»

O Conselheiro deu esta resposta immediata que fez o Cardeal sorrir : «Sei que Vossa Eminencia foi um converso como S. Paulo.»

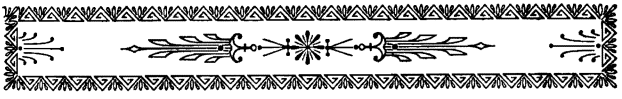
O padre Vaugham tinha estado no Rio de Janeiro á frente da obra da Expiação, de que era Presidente o Cardeal Manning, e de que foi o Conselheiro Ferreira Vianna socio benemerito por ter feito na escola de S. José varias conferencias ácerca da referida obra e angariado importantes donativos.

Manifestando as suas impressões a respeito da grande Metropole Ingleza escreveu alhures o Conselheiro estes bellos conceitos :

«Foi em Londres que senti que é uma dignidade ser homem. A cidade de Londres é um monumento erguido á gloria do homem.»

Que somma riquissima de finas observações, de conhecimentos e de bellas descripções não colheria a litteratura da nossa patria, se quizesse o Conselheiro Ferreira Vianna dotal-a de uma relação dessa viagem, á exemplo de Chateaubriand de volta dos Santos Logares!

O Jurisconsulto e o advogado



Proclamada a Republica e depois da viagem á Europa, entregou-se exclusivamente á profissão de advogado. Tem o seu escriptorio á rua da Quitanda, em um vasto sobrado, com o seu genro Dr. Pires Brandão.

Tendo por seu eminente sogro a mais justa admiração e um exemplar affecto filial, este nosso distincto amigo, provecto advogado e litterato erudito, guarda como um thesouro todos os escriptos e discursos do Conselheiro Ferreira Vianna e os seus documentos politicos. Ainda á obsequiosidade sua devemos a carta do Imperador, que reproduzimos em outro lugar.

A profusa e rica bibliotheca do Conselheiro Ferreira Vianna está installada em todas as salas do escriptorio.

Na sala de recepção, além de um mobiliario antigo de subido valor artistico, pendem das paredes varios quadros de pintores celebres.

Vê-se sobre um pequeno movel o retrato do Provincial do Convento de Santo Antonio, Frei João do Amor Divino Costa, amigo dedicado do Conselheiro Ferreira Vianna.

Segue-se depois a sala de trabalho do eminente jurisconsulto. Modesta e simples. Uma pequena mesa cercada de livros e ao lado uma cadeira baixa de braços. Da parede debruça-se por cima da cadeira uma pequena cabeça de Christo, aureolada por uma luz suave que dá á physionomia do Nazareno a mansuetude divina de sua alma, aquella bondade indefinida do seu coração, tão viva, tão verdadeiramente alli reproduzida ha 400 annos por pincel de emerito artista. E' uma pintura sobre lamina de cobre, de inestimavel valor artistico.

Em outra sala mais ampla, entre quadros de valor, está sobre um pedestal de marmore o busto em bronze do Conselheiro Ferreira Vianna, trabalho que lhe foi offerecido em Munich pelo notavel estatuario allemão Syrius Eberle, professor de esculptura da Academia daquella cidade.

Este busto esteve exposto em Munich, merecendo da critica os mais subidos louvores. O Principe Regente da Baviera, visitando este trabalho artistico, declarou que a fronte e a severidade da physionomia do retratado eram de um philosopho grego. O nosso

saudoso patricio Visconde de Taunay (grande amador de bellas artes) que frequentava o escriptorio do Conselheiro, passava horas inteiras a admirar esse soberbo trabalho artistico!

Adornam a parede, por cima dos armarios atopetados de livros de jurisprudencia, varios quadros com retratos de vultos notaveis na sciencia, nas lettras e nas artes.

Em seguida está installada a sala do Dr. Pires Brandão. Quadros de merecimento artistico a ornamentam.

Lá vimos tambem os retratos de D. Pedro II, em grande photographia tirada em Milão; de Victor Hugo, em téla (uma magnifica copia do celebre retrato de Bonat) e um *croquis* a oleo de um grande quadro que o insigne pintor Thomaz Driendl está concluindo. O assumpto desse quadro, já claramente indicado no *croquis* referido, é a procissão realizada pelos marinheiros da fortaleza de Willegaignon, no dia 8 de Dezembro de 1893, em plena revolta da esquadra, para não quebrar uma tradição ha longos annos mantida.

O quadro representa o andor do Menino Jesus, carregado pelos rudes homens do mar, em cujas physionomias transpira o ardente fervor religioso, que no meio da saraivada de balas que cahem sobre a fortaleza, commemora imperturbavelmente essa cerimonia do culto catholico.

Aquarellas e gravuras de mestres completam a decoração da sala. Ainda ao lado da secretária daquelle

advogado vê-se uma antiga e solida poltrona de couro lavrado, muito apreciada pelo saudoso Eduardo Prado, que alli costumava sentar-se, em erudita e espirituosa palestra.

Em outra pequena sala, figura na parede um grande quadro a oleo attribuido ao celebre pintor Ribera, representando a Meditação de S. Francisco de Assis, outro da Descida da Cruz e mais alguns sobre assumptos religiosos e profanos.

Sobre um pequeno aparador ergue-se um cruxifixo de madeira com um Christo, em marfim, reliquia esta que foi offertada ao Conselheiro Ferreira Vianna, e pertenceu a um illustre Cardeal.

Vasos antigos, rematam o adorno do aparador.

Esta sala é occupada pelo laborioso e intelligente joven Sr. José Agostinho Pereira da Cunha, que goza de inteira confiança do Conselheiro e do Dr. Brandão, tendo a seu cargo o registro dos papeis forenses, o archivo e a direcção interna do escriptorio.

Em outra salla trabalha o sollicitador do escriptorio o Tenente Antenor Vieira dos Santos, que accupa-se do serviço dos cartorios e audiencias com intelligencia, zelo e probidade.

Como advogado e jurisconsulto emerito tem o Conselheiro Ferreira Vianna tratado de causas da maior importancia.

Entre outras recordo-me do celebre processo dos Bispos, em que produziu no Supremo Tribunal em

favor do Bispo do Pará, o fallecido e muito illustre D. Antonio de Macedo Costa, um discurso notabilissimo; da reivindicação dos bens dotaes dos Principes, Conde e Condessa d'Eu, etc.

Muitos pensão que a tribuna judiciaria é a especialidade da eloquencia do Conselheiro Ferreira Vianna. Os seus requisitorios como Promotor Publico da Côrte e as defesas de Alexandre Pereira, James Pinto e tantas outras são lembradas no fôro como dias gloriosos da nossa tribuna judiciaria.

Vimos em uma das salas no escriptorio um quadro com as assignaturas dos mais eminentes advogados deste fôro, que offertaram ao Conselheiro Ferreira Vianna uma corôa de ouro cravejada de brilhantes como homenagem ao seu grande talento e serviços â causa da liberdade e da justiça.

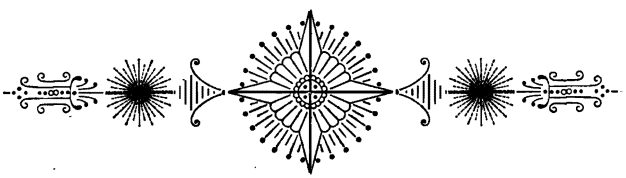
Outra corôa foi-lhe então offerecida pelo commercio, por iniciativa dos principaes negociantes, cujos nomes acham-se assignados em um lindo quadro symbolico.

Perguntando ao Conselheiro porque não reunia em volumes os seus trabalhos forenses, respondeu-nos: « Hoje me é impossivel, pois, ha quasi meio seculo que exerço a profissão de advogado e sempre militante. Os trabalhos destes ultimos annos meu genro tem colleccionado e já formam muitos volumes.»

O Conselheiro Ferreira Vianna quasi sempre permanece no escriptorio do meio dia as quatro horas

da tarde. Tem por habito invariavel servir-se de uma chicara de café ou de leite gelado nos dias de calor, e quando procura descançar o espirito passeia por todas as salas, estabelecendo uma conversação alegre e instructiva.

Ferreira Vianna intimo



Ferreira Vianna intimo é encantador. A sua conversa incomparavel attrahe ao seu escriptorio amadores que vão deleitar-se com a fina ironia que irrompe espontanea de suas palavras. Tem sempre uma anecdota a proposito, uma phrase feliz para definir uma situação, um commentario original para o successo do dia.

Incapaz de odios, não conta inimigos ; poucos homens atravessaram a politica e deixaram o poder com maior popularidade. A bondade é como já affirmámos, a nota dominante do seu caracter.

Em seu escriptorio, da sua banca de trabalho, distribue grande copia de esmolas, sendo um espectaculo curioso a affluencia dos pobres que alli se nota.

« Deus abençoou o meu trabalho, costuma dizer, por isso nunca falta-me o necessario para distribuir com os pobres.»

Durante muitos annos tinha por costume ir a pé do seu escriptorio até á rua do Fialho, e não raro era acompanhado por amigos que se deleitavam com sua palestra instructiva. e amenisada por ditos e conceitos repassados de graça e de ironia.

Na familia e no vasto circulo dos amigos é adorado.

O Conselheiro Ferreira Vianna é viuvo, ha muitos annos. Teve quatro filhos de seu consorcio com uma illustre senhora, modelo de todas as virtudes e cujo enterramento foi um acontecimento nesta capital, pelo cortejo enorme de pobres por ella soccorridos, que acompanharam o feretro até ao cemiterio.

Todos os annos, nos anniversarios do fallecimento de sua presada esposa, o Conselheiro vai ao cemiterio ouvir missa, celebrada sempre por um religioso capuchinho e depois visita o tumulo, onde faz oração entrecortada de lagrimas.

E' um dia de lucto, recolhe-se á sua residencia e a ninguem recebe neste dia. São seus filhos o Dr. Antonio Ferreira Vianna Filho, distincto advogado do nosso fôro Alberto, Americo e D. Maria Antonia, esposa do Dr. Brandão.

Morava a principio no Convento de Santo Antonio em umas das cellas modestas do vasto e antigo

Mosteiro. Proclamada a Republica mudou-se e reside com seu genro e filha na rua do Fialho, oü no seu pittoresco e aprazivel sitio da Gavea.

Uma tarde, esperando na residencia do illustre mestre occasião para fallar-lhe, presenciei uma scena interessante : o Conselheiro trazia um embrulho de doces, erguia-o até pôl-o fóra do alcance das mãos dos netinhos, dos quaes procurava desviar-se ; elles corriam atraz do avô, disputando o embrulho, até que cedendo por fim distribuiu os dôces com o mais affectuoso carinho e expansiva alegria.

« Quando estive em Paris, disse-me, em meio da conversação, cujo assumpto era o seu amor pela familia, estudei o allemão como um protesto contra o frio rigoroso que fazia n'aquella cidade. Consegui traduzir as fabulas de Lessing e os contos moraes do Conego Schimit. A' noite entretinha meus netos recitando as fabulas e os contos. Estas traducções formam dois livrinhos que dediquei ao meu neto Paulo.»

Nos mezes de maior calor costuma o Conselheiro recolher-se ao sitio ameno da Gavea e dedica-se ao fabrico de aguardente.

Ao celebre artista Bordallo Pinheiro, quando esteve nesta Capital, fez o Conselheiro presente de uma garrafa de aguardente, recebendo do artista um espirituoso cartão em que comparava a aguardente da Gavea, na perfeição do fabrico, ao azeite de Val de Lobos, de Alexandre Herculano.

Acompanha-o nestas vellegiaturas o illustre historiador Capistrano de Abreu, seu amigo.

Na Gavea o Conselheiro Ferreira Vianna tem uma excellente livraria, com que se entretem nas horas que não dedica ao fabrico da aguardente ou á cultura das cannas.

Dá-se uma mudança completa em seus habitos; sahe ao sol e faz largos passeios ao ar livre, entretanto, quando na cidade, em sua residencia á rua do Fialho, traz sempre as janellas fechadas, principalmente nas horas de refeição e ainda nos dias de maior calor.

O saudoso Eduardo Prado, que era um grande admirador e amigo do Conselheiro e frequentador da casa da rua do Fialho, alludindo a este habito do Conselheiro, contou em nossa presença que o seu amigo Pires Brandão explicava com chiste o costume das janellas fechadas nas horas de refeição: « E' por obediencia ao preceito da Escriptura: comerás o pão com o suor do teu rosto.»

O sitio da Gavea é uma verdadeira fazenda, pela sua extensão, variada cultura, bella e vasta casa de moradia, diversas habitações para trabalhadores e famulos.

Possue bons pastos para creação, um engenho de moer cannas e um alambique para distilação da afamada cachaça que o Conselheiro fabrica e distribue pelos amigos. O sitio dista tres quartos de hora de carro do ponto terminal da linha de bonds da Gavea,

conforme notámos quando lá fomos em um domingo.

Um dos encantos desta esplendida residencia é uma cachoeira que o Conselheiro tem satisfação em mostrar aos seus hospedes. O sitio pertenceu ao finado Senador José Pedro Dias de Carvalho, que, apezar da distancia, costumava vir d'alli diariamente ás sessões do Senado.

Os amigos do Conselheiro muito se inquietam com a sua permanencia no sitio da Gavea, attribuindo á estada alli uma infecção palustre de que soffreu ha dous annos e que pôz em risco a sua preciosa existencia.

« Aconselham-me, disse-me o Conselheiro, a que venda o sitio por ser palustre. Não devo fazel-o como christão que ama ao seu proximo.»

O sitio não é palustre, pois, o Conselheiro alli passa muito bem, continua a habital-o e é sua residencia preferida.

Existe alli uma linda capella onde o seu amigo Frei João, Provincial dos Franciscanos, e outros sacerdotes têm celebrado missas no Natal e dias santificados. A estas missas affluem os moradores daquella zona e depois da missa o Conselheiro distribue esmolas e pequenos crucifixos. O Conselheiro é quem ajuda a missa, vestido com o habito de S. Francisco.

O altar da capellinha é de um bello estylo e ador-

nado com elegante singeleza; foi-lhe offertado por seu fallecido cliente Jorge Luiz Teixeira Leite.

Nas paredes da capella admiramos lindas gravuras representando as Loggias de Raphael e Moysés com as taboas da lei.

Notámos tambem um pequeno quadro contendo um Breve Apostolico conferindo licença e privilegios á mesma capella.

Na sua residencia da Gavea o Conselheiro está constantemente na sala onde tem a livraria, lendo os classicos. « Ha livros, disse-nos que só no socego e no retiro da Gavea posso ler.»

Os seus passeios são pela manhã, antes do almoço, e ás tardes antes do jantar. Costuma usar de um largo chapéo de cortiça, coberto de brim branco, de que se servem os inglezes no campo, roupa de flanella cinzenta e calça de enfiar.

Com um tosco cajado sahe em direcção á venda do Antonio, situada no fim da estrada, onde se reunem os camponinos da redondeza.

« O passeio á venda, disse-nos, é a travessia da nossa rua do Ouvidor.»

Na Gavea como na cidade o Conselheiro é matinal, accorda-se invariavelmente ás seis horas e sahe logo do quarto para a sala da livraria. Depois de uma hora de leitura é que costuma fazer o seu passeio, quando na Gavea.

Deita-se quasi sempre ás dez horas da noite, a menos que a leitura de um livro interessante não o prenda mais tempo. Não lê deitado jamais; senta-se e descança o livro sobre a mesa.

Todos os seus trabalhos como advogado são escriptos pela manhã, logo ao erguer-se do leito e só almoça depois de concluido o trabalho, que, ás vezes, consome muitas horas. Com grande difficuldade conseguem fazel-o interromper o trabalho para tomar algum alimento.

O Conselheiro alimenta-se muito pouco.—«Com o meu fastio tenho uma consolação, não me poderão gritar: o Comeu, comeu... da época!!... Si não fosse o leite já teria morrido de fraqueza. Não posso tolerar a carne.»

A proposito contou-nos o Conselheiro:

«Conheci um certo João dos Bois que comia mais que o fallecido Senador F., que em um banquete politico vi comer extraordinariamente dos tres reinos da natureza. O João dos Bois apostou com outro igual quem comeria mais.

Sentaram-se diante de um prato travésso cheio de bacalhau assado e de uma terrina de feijão. Em pouco estavam os pratos limpos. Veio em seguida um grande guisado de polvo e devoraram. Depois comeram um leitão assado e como remate o João dos Bois comeu um queijo de Minas. O companheiro depois do leitão cruzou o talher.

O João dos Bois levantou-se e partio a pé para Jacarépaguá, salvou-se. O outro que ficou em casa morreu de um ataque de « congestão! »

« Tive um amigo, continuou, que comia muito e cousa curiosa! curava as suas indigestões com saladas de pepinos. »

Nestes ultimos tempos, depois de grande enfermidade, o Conselheiro tem andado emmagrecido e da sua magrez tira assumpto para boas pilherias.

Quando alguem estranha vel-o magro, responde promptamente:

« Ando magro para ser agradavel aos meus amigos que não terão um esquife pesado a carregar. »

Outras vezes observa: « Pouco importa a minha magrez: não sou candidato ao açougue!... »

O fino espirito do Conselheiro é inexgottavel; encheria um grande numero de paginas se fosse referir todas as boas pilherias que ouvi ou me foram contadas.

Já tivemos occasião, no livro que publicám os com o titulo *Notas de um reporter*, de referir-nos ao illustre Conselheiro, mas nem por isso julgamos fóra de proposito transcrever aqui o que então dissemos, accrescentando tudo que de novo pudemos colher e que cada vez accentúa mais a originalidade, o espirito e o bom humor de tão querido Mestre.

Das *Notas* :

CONSELHEIRO FERREIRA VIANNA

Não ha quem não conheça o espirito scintillante de graça, de fina ironia, de *homour* do Sr. Conselheiro Ferreira Vianna, o encanto de sua palestra tão espontanea, tão viva, tão animada, de continuo illuminada por traços de observações imprevistas e subtis, ou pela torrente de casos e anecdoctas, reaes ou phantasiadas, em que transparecem a sua graça e a sua *verve,* e com que deixa ao espirito do ouvinte suggerir aquillo que tantas vezes elle não quer dizer... O que elle diz e conta, não se poderia escrever ; é preciso ouvil-o. Não poderia eu agora fixar em traços tão rapidos a sua physionomia tão rica, tão singular e tão expressiva. O modelo é arduo, é difficil, e ao pintor falta toda a competencia. Aqui deixo apenas algumas notas, alguns traços, para o leitor reconstituir uma das nossas mais curiosas e interesantes physionomias.

*
* *

Uma vez, reunidos os *reporters* na Secretaria do Imperio, o Sr. Conselheiro conversava com elles, quando um delles se esforçou por se desculpar de um artigo que fôra publicado no jornal a que pertencia, o

qual censurava um acto ministerial da pasta dirigida pelo Conselheiro.

O Dr. Ferreira Vianna, com ar risonho, dirigindo-se aos *reporters* contou o seguinte caso:

« Em mil oitocentos e não sei quantos, existia aqui no Rio de Janeiro, um eximio tocador de violão, pardavasco, pernostico e cheio de si pela fama que possuia como excellente tocador desse instrumento. Um importante fazendeiro de Minas Geraes, querendo dar grande brilhantismo á festa nupcial de uma de suas filhas, convidára o tocador de violão para exhibir-se nesse dia em sua casa. O pardavasco fez-se de viagem para Minas. Na noite da solemnidade estava o salão da residencia do fazendeiro repleto de senhoras e de cavalheiros da maior importancia da localidade. O nosso tocador, com a proficiencia que lhe era peculiar, executou diversos trechos de operas conhecidas. Notava, porém, que o auditorio se mostrava frio, que não sabia comprehender o seu engenho e que bem raros eram os applausos.

Quando de novo começava outro bello trecho musical, o fazendeiro dirigiu-se ao tocador de violão e pousando-lhe a mão sobre o hombro, perguntou-lhe:

— *Então, seu mestre*, o senhor não toca o rasgado?

O pardavasco levantou-se num impeto, deixou descahir o violão até o solo, pousando a mão direita sobre a ponta do braço do instrumento e, em attitude solemne e cheio de indignação, exclamou:

« Ora vão..... vocês não comprehendem isso » e retirou-se bruscamente.

O seu jornal, disse o Conselheiro dirigindo-se ao *reporter*, quer que eu toque o rasgado e eu não sei...

Uma gargalhada enorme da reportagem acolheu o original caso.

*
* *

Como fazendo parte da *parentella* do Conselheiro, fui um dia ao Convento de Santo Antonio, onde S. Ex. residia, colher algumas noticias.

O Conselheiro estava na sua cella. Um chambre de chita já um tanto usado, deixando ver um enorme rasgão na fazenda junto ao hombro direito envolvia o corpo do illustrado e benemerito ministro. Depois de algum tempo de conversação perguntou-me se eu já tinha visto o côro do Convento.

Disse-lhe que não.

O Conselheiro convidou-me a ir vêl-o.

Ahi chegados mostrou-me os *stalos* que cercam parte do côro, indicando-me aquelles onde se sentaram os maiores vultos da Ordem em outras eras, e sobre cada um dos personagens se entreteve, traçando delles ligeiros esboços physicos e intellectuaes.

De repente dirigiu-se para junto de uma estante onde havia um grande livro aberto de musica, com palavras latinas, cercado de lindas e ricas illuminuras e

com uma simplicidade admiravel, levantou a voz e entoou umas palavras, fazendo compasso com a mão direita.

A um canto do côro estava um pardo velho, antigo servidor do Convento, occupado a apanhar o cisco que tinha varrido. O pobre velho parando rapidamente o seu serviço disse:

— Oh! Sr. Conselheiro, V. Ex. deu agora uma nota errada.

— Não, não, diz-lhe o Conselheiro, acha.... e continuou ainda por alguns segundos entoando o canto-chão.

Quando terminou a pagina S. Ex. parou e dirigindo-se a mim disse:

— E' admiravel, é sublime, e beijou respeitosamente o tal livro.

Escusado é dizer que no outro dia dei bastantes *furos* nos collegas.

*
* *

Um bello dia foi o Conselheiro visitar a Casa de Correcção. Entre os presos com quem conversou achava-se um rapaz ainda bem moço, de maneiras delicadas, cheio de vivacidade, porém, transido de uma tristeza que impressionava.

— Então, qual é teu crime ? perguntou-lhe o Conselheiro.

— Senhor, eu abusei da honestidade de uma menor.

— Por quanto tempo foi condemnado ?

— Por quatro annos de prisão, já aqui estou ha dous e faltam-me ainda outros dous ; se, porém, V. Ex. quizer proteger-me, obtendo o meu indulto, eu comprometto-me a casar com a offendida.

— Olhe, accode-lhe o Conselheiro, quer um bom conselho, conselho de amigo, cumpra o resto da pena...

*
* *

Foi uma manhã de despacho ministerial no antigo Paço de S. Christovão.

O Conselheiro Ferreira Vianna ao entrar encontrou-se com o nosso poeta Mucio Teixeira que alli escrevia uns versos á porta do gabinete onde morava naquelle paço.

—Vejo que está as voltas com as musas, disse o Conselheiro amavelmente.

—E' verdade Exmo., e ninguem melhor do que V. Ex. póde aprecial-os e julgal-os como mestre.

—E' engano seu, respondeu o Conselheiro, eu só conheço prosa, porque sou afinal um grande prosa

—Ah! é verdade, Conselheiro, ainda não lhe agradeci a parte que tomou na minha nomeação de consul brazileiro em Caracas...

Ah! Sim! Então está você consul de cacaracá...

*
* *

Diariamente os *reporters* procuravam o Sr. Conselheiro em casa, isto quando S. Ex. já então residia na rua do Cattete.

Uma occasião S. Ex., ao retirarem-se os *reporters*, disse que no dia seguinte ia jantar no Paço.

A imprensa do dia noticiou o facto.

A reportagem poz-se a postos no Palacio da Cidade e muitos curiosos appareceram no saguão do Palacio.

Effectivamente o Sr. Conselheiro lá estava.

Depois de umas tres horas de demora eis que apparece o Conselheiro descendo a escadaria do Palacio.

A reportagem, ávida e curiosa para obter informações do jantar, corre pressurosa ao seu encontro.

—Então, Sr. Conselheiro, perguntou um delles, póde dar-nos a nota do que se passou no jantar?

—Que jantar?

—O jantar offerecido a V. Ex. aqui no Paço.

—Ah! sim, eu vim jantar com o meu particular amigo... o Sr. Conde de Motta Maia.

*
* *

Outra vez frei João Costa, provincial de Santo Antonio, ennumerou-lhe as pessoas que residiam no Convento e que depois foram ministros e exerceram importantes cargos publicos.

Quando assim fallava, o Conselheiro poz-lhe uma das mãos na bocca e disse-lhe :

—Frei João, frei João, falla baixo e não contes isto lá fóra a ninguem sinão o Convento fica cheio de moradores.

*
* *

Estava uma vez o Sr. Conselheiro na Camara dos Deputados, quando viu entrar um conhecido homem politico e litterato, muitas vezes incluido na lista triplice senatorial, mas sempre esquecido. Homem de notavel talento, porém, avarento, apresentava-se no parlamento com um paletot muito seboso junto aos quadris.

O Sr. Conselheiro, querendo pilheriar com elle, approximou-se e pousando a mão pelas partes do paletot que estava seboso, perguntou :

— Que é isto F...

— Não é nada, não é nada, diz-lhe com máo modo o interpellado.

— Ah ! já, sei já sei, são signaes dos varáes da liteira da gente que tens conduzido para o Senado.

*
* *

Proclamada a Republica achava-se um dia o Sr. Conselheiro na cella do Convento, quando lhe bateram á porta.

S. Ex. abriu. Era um official do exercito que o vinha prender.

— O Sr. Conselheiro Ferreira Vianna ?

—E' o proprio. Que deseja, disse o Conselheiro com a affabilidade de que é dotado.

—Venho prendel-o por ordem do Sr. Ministro da Guerra.

O Conselheiro não se perturbou, calmo, simples e bonachão disse :

—Bem, então me dê licença que eu acabe de rezar o santo officio.

Quando estava na sala principal do Quartel General para ser apresentado ao Ministro da Guerra, eis que lhe apparece o seu illustra e velho amigo, o provincial de Santo Antonio,frei João do Amor Divino Costa, que o vinha ver.

O Conselheiro cruzando os braços sobre o peito, com ar piedoso exclama :

—Meu provincial, deite-me a sua benção...

Frei João não se fez esperar e deitou-lhe a benção solicitada.

***

Tratava o Conselheiro, quando Ministro, de estabelecer a colonia de alienados no Galeão.

Seguido de engenheiros e medicos foi visitar o local da Ilha do Governador.

Em uma das casas arruinadas da Ilha encontrou uma grande familia que alli vivia muito pobremente.

Chamado o chefe da casa, era este um octogenario que depois de declarar que alli vivia com a familia, ha longos annos, disse que nenhuma enfermidade grave a accomettera.

Observaram, porém, os engenheiros e os medicos que o local era pessimo, que precisava saneal-o, pois, as condições de hygiene o tornava até insalubre.

Pouco tempo depois voltou o Conselheiro ao local, e isto quando já executados os trabalhos de saneamento.

Dirigiu-se novamente á casinha do velho e com sorpreza notou que algumas das crianças estavão de luto.

«Chama-me o bom do velho de teu pai, disse o Conselheiro.

— Morreu *seu doutor.*

— Morreu?! E tua mãi?

— Tambem morreu *seu doutor* e mais meu mano mais velho, e isto depois...

—Ah! já sei, já sei, não continues, e virando-se para os que o acompanhavam exclamou: Sanearam, sanearam demais...

***

Tendo um antigo medico do Paço entrado em uma lista triplice para senador, o Imperador não o escolheu e como ficha de consolação fez-lhe presente de uma linda caixa de rapé. O medico, que era seu collega na Camara dos Deputados, mostrou-lhe a caixa offerecida.

O Conselheiro depois de bem a examinar disse-lhe com ar rizonho: Tu preferias a pitada á boceta...

***

Em seus discursos parlamentares tão apreciados pelos surtos de eloquencia e fino atticismo referiu-se por diversas vezes a observações philosophicas de seus creados e quasi sempre a applicação *del cuento* ao orador

a quem respondia ou ao ministro cujo relatorio analysava, era formidavel.

Fallando uma vez o Presidente do Conselho de um ministerio liberal *na sua consciencia*, o Conselheiro respondendo ao discurso disse que todas as vezes que diante de um ilhéo, seu creado, fallava em consciencia elle sahia-se com esta:

— Consciencia meu amo! foi uma cabra que eu tive em S. Miguel e morreu-me sem deixar cabritos.

***

Gosto muito destes creados ilhéos (disse-me um dia) são muito dedicados, fieis e alguns até innocentes. Tive um, tão ingenuo, que segurando as calças para vestir-me e vendo-me enfiar uma perna perguntou-me se eu queria tambem vestir a outra perna...

***

Referio-me um amigo que em Paris contaram-lhe que o Conselheiro Ferreira Vianna foi convidado pelo Imperador D. Pedro II a jantar em casa do Conde de Nioac, onde achava-se hospedado.

Os convivas eram o Imperador, Ernesto Renan, seu confrade do Instituto, os Condes de Nioac e Motta Maia, os Drs. Eduardo Prado, Pires Brandão e um naturalista inglez.

Fallando-se da restauração da monarchia, o Imperador voltou-se para o Conselheiro Vianna e interrogou-o a respeito.

«Acredito (respondeu o Conselheiro) e tanto que desde já peço a Vossa Magestade que se commetta a fazer-me uma graça neste dia.»

Commetto-me (disse o velho monarcha) mas qual é a graça?

«O decreto do meu banimento para não assistir a novo adhesismo, respondeu o Conselheiro . . .

***

No tempo da revolta da esquadra o governo montou no alto do morro da Gloria um poderoso holophote. Durante alguns dias os tiros dos navios convergiam inutilmente para aquelle ponto com o fim de desmontal-o.

O Conselheiro habitava nas immediações, contaram-me que interrogado pelos amigos por que não mudava de residencia, com a sua calma habitual respondeu:

«Eu hoje moro no logar mais seguro— o alvo.

***

Contam-se muitas pilherias do Conselheiro Ferreira Vianna sobre o adhesismo e os adhesistas a Republica. Algumas registrei em conversas com elle.

Recordando-lhe uma tarde os vehementes discursos de opposição que fez no Parlamento contra o poder pessoal do Imperador, perguntei-lhe por que não havia adherido á Republica!

«Reservo-me para fazel-o quando voltar a monarchia. Neste dia declaro-me Republicano... para não se perder a semente.»

*
* *

Os adhesistas (disse-me em outra occasião) não estão de boa fé; servem-se da Republica, mas não acreditam nella, e a proposito contou o seguinte caso:

«Chegou ao conhecimento de um Bispo, meu amigo, que em uma das freguezias da roça celebrava missas um sujeito que não era sacerdote.

O Bispo mandou chamal-o a sua presença e interrogou-o a respeito.

— Eu nunca disse missa, respondeu-lhe o typo, quando chega o momento da consagração da hostia faço com a cabeça as cruzes dizendo: em que darão estas missas! em que darão estas missas...

Assim dirão os adhesistas: em que darão estas missas!

*
* *

Durante as sessões do jury do processo da Conspiração, o Conselheiro Ferreira Vianna esteve sempre presente, sentado ao lado do seu amigo inseparavel Conselheiro Andrade Figueira.

Em um dos intervallos vimos o Conselheiro Ferreira Vianna fóra do recinto cercado de advogados e outras pessoas em animada palestra. Approximamo-nos do grupo e ouvimos esta magnifica anecdota.

Dizia o Conselheiro: « Sempre fui contra qualquer intervenção monarchica. Nada de revoluções, nem conspirações; a cousa cahe por si.

Faz-me lembrar um caso, accrescentou o Conselheiro, succedido com um sujeito do meu conhecimento, a quem por desgraça appareceu-lhe um cancro no nariz. A molestia foi progredindo, invadiu todo o nariz que inchou de modo a tornal-o defeituoso, causando-lhe ainda em cima muitas dores.O pobre homem ouviu a Mestrança, applicou todos os remedios que lhe receitavam e por fim aconselharam-lhe uma operação.

O homem partiu para a Europa e foi ter com um especialista celebre.

O especialista observou demoradamente o nariz do sujeito, e depois do mais acurado exame disse-lhe: «Não ha necessidade de operação; o nariz cahe por si!...»

*
* *

Sobre o mesmo thema contaram-me esta outra do Conselheiro :

« A revolução de 15 de Novembro, disse o Conselheiro, foi o maior benificio que Deus podia fazer ao Brazil. Esta experiencia foi de grande proveito. Existiu ha muitos annos na Saude um velho portuguez afamado armador de navios. Tinha o seu estaleiro montado, boas madeiras e trabalhava com um pessoal pratico e habilitado.

Sentindo-se velho quiz que o filho o succedesse. O rapaz pediu para ir a Europa estudar construcção naval. Depois de alguns annos voltou com um diploma e tomou conta do estaleiro.

Começou a construcção de um navio pelo systema que devia ser o mais moderno.

O contra-mestre do estaleiro afflicto procurou o velho armador e disse-lhe : « Perdemos as madeiras e tudo mais, porque o doutor não acerta com a construcção do navio ! »

Assim succedeu ; o navio logo que foi lançado ao mar abriu-se e foi ao fundo.

Depois desta experiencia, o contra-mestre procurou novamente o velho e lamentou o desastre pelo tempo consumido e despezas feitas.

Não perdemos nada, disse o armador, vemo-nos livres do rapaz...»

*
* *

Em uma de suas elegantes cartas politicas José Estevão (Tobias Monteiro) referiu que o Conselheiro se recusou a assignar o manifesto monarchista declarando que ficava de fóra para requerer o *habeas-corpus*. Em uma resposta gentil a José Estevão o Conselheiro contestou o facto de terem apresentado a sua assignatura o manifesto monarchista, mas a pilheria do *habeas-corpus* ficou.

*
* *

Quando ministro da justiça do glorioso ministerio 10 de Março, sabendo que existia um Livro negro em que se lançavam as accusações feitas aos magistrados, procurou informar-se se os magistrados eram ouvidos a respeito. Tendo resposta negativa, mandou queimar o livro.

*
* *

Fazendo a reportagem do Ministerio do Imperio assisti a esta scena interessante:

«Um dia o Conselheiro Ferreira Vianna, ao entrar na Secretaria, notou que diariamente permanecia no corredor da mesma um individuo que o comprimentava á sua entrada e nada dizia. O Conselheiro dirigiu-se ao individuo e interrogou — Noto que

o senhor todos os dias aqui vem ; tem algum papel a despacho ?

— Tenho *seu* Conselheiro respondeu ; ha dois annos que espero o processo de umas contas de fornecimentos que fiz ao Ministerio.

O Conselheiro tomou o homem pelo braço e levando-o a Secção competente, exigiu que lhe fossem apresentados os papeis, despachou-os incontinente, mandou lavrar o Aviso para o Thesouro com a nota de urgente. — O senhor— observou o Conselheiro — devia ter sido attendido logo, não pedia favores, era um credor do estado e o *credor falla grosso.*

***

Em uma festa no Hospital dos Lazaros, notou o Imperador D. Pedro II, que era desconsoladora para os enfermos a legenda escripta na fachada do Hospital : *Lasciate ogni speranza voi ch'ntrate* e dirigindo-se ao Conselheiro Ferreira Vianna, disse : «O Senhor no seu estylo lapidar confeccione uma legenda mais consoladora.»

Dias depois o Conselheiro enviou ao Imperador a seguinte legenda que o monarcha muito applaudiu, e que alli foi inscripta : *Ne me quæsiveris extra* — (Não me julgueis pelo que mostro). Para o Necroterio deste hospital tambem escreveu : *Mortis morituri* — (Aos mortos os que vão morrer).

Ainda no Necroterio do Hospital da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia encontra-se a seguinte legenda de sua lavra : — *Laborum meta* — (O fim dos trabalhos).

A redacção do *Jornal do Brasil* tendo pedido ao Conselheiro Ferreira Vianna um artigo sobre o Papa para figurar na edição especial dedicada ao seu anniversario natalicio, o Conselheiro resumiu o que podia escrever nesta phrase latina que o *Jornal do Brasil* collocou como legenda do retrato do eminente pontifice :

Leo XIII perfectissimus inter omnes.

* * *

Podia fazer-se um interessante livro sob o titulo : *O espirito de Ferreira Vianna,* extrahindo dos seus discursos, palestras e artigos de imprensa : anecdotas, phrases felizes, replicas incomparaveis, bons ditos e pilherias a exemplo do que se fez em França com os escriptos de Voltaire, Rivarol e ainda ha poucos annos com as Guêpes de Alphonse Karr.